



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

JULIANA SAMPAIO LOPES E LUANA ASSIZ SANTOS

PETRÓLEO VERDE NA BAHIA

MEMÓRIA

SALVADOR
2008

JULIANA SAMPAIO LOPES E LUANA ASSIZ SANTOS

PETRÓLEO VERDE NA BAHIA

Memória do Projeto Experimental, modalidade Grande Reportagem para Televisão, apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo.

ORIENTADOR: Prof. Washington Souza Filho

SALVADOR, JUNHO 2008.
JULIANA SAMPAIO LOPES E LUANA ASSIZ SANTOS

PETRÓLEO VERDE NA BAHIA

Memória do Projeto Experimental, modalidade Grande Reportagem para Televisão, apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo.

ORIENTADOR: Prof. Washington Souza Filho

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Washington Souza Filho (orientador)
Faculdade de Comunicação (Facom)

Prof. Umbelino Brasil (examinador)
Faculdade de Comunicação (Facom)

Prof. Ednildo Torres (examinador)
Escola Politécnica (UFBa)

Salvador, junho de 2008.

Uma geração vai, e outra vem; porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando e girando o vento, e volta fazendo seus circuitos.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho encerra uma fase profundamente rica de nossas vidas. Traz consigo o fim de um longo período de aprendizado, mudanças, alegrias e dúvidas. Mas é, também, um período de tomada de decisões, em que se desenham novos rumos.

No decorrer dessa trajetória, não estivemos sozinhas, por isto, agradecemos, em primeiro lugar, a Deus, por estar presente em nossas vidas e nos ter cercado de pessoas especiais, que sempre nos apoiaram em nossas atitudes. Em segundo lugar, agradecemos imensamente aos nossos pais, os principais responsáveis por tudo o que somos hoje. Sem eles, seria impossível ter chegado ao final desta longa caminhada, marcada, não só por felicidades e conquistas, mas por dificuldades e incertezas, momentos nos quais o seu amor, carinho e compreensão nos deram força para superar quaisquer obstáculos em nossa jornada.

Aos nossos irmãos, agradecemos a alegria de compartilhar cada etapa das nossas vidas, mesmo quando nossas rotinas de vida pareceram nos afastar temporariamente. Com eles aprendemos através de seus conselhos, atitudes e fomos confortadas por sua paciência e confiança incondicional. Obrigada pelas palavras de carinho e pelo amor demonstrado nos momentos difíceis.

Gostaríamos de agradecer, também, ao professor Washington por ter aceitado o convite de orientar o nosso projeto e de ter nos apoiado nas propostas desafiadoras que tentamos desenvolver durante o trabalho. Aos amigos Paulo Silva e Selma Barbosa, agradecemos o carinho, a preocupação, a compreensão e os momentos inesquecíveis que nos acompanharão pelo resto da vida. O caráter e a competência desses dois profissionais, sem dúvidas, farão grande diferença no nosso futuro como jornalistas.

Ex-funcionário e companheiro por muitos semestres, Marcos Nunes tem lugar especial neste trabalho, do qual participou, mesmo de longe, resolvendo problemas, demonstrando boa vontade, dedicação e amizade. Agradecemos ainda a Jorge Gauthier e Bruno Brito, colegas de faculdade extremamente competentes, responsáveis, que nos ajudaram na edição e nas ilustrações do nosso vídeo.

A realização deste vídeo nos permitiu conhecer pessoas fantásticas, a quem agradecemos de modo especial. São eles os nossos queridos “personagens”, atores de uma realidade nada fictícia vivida em Irecê: Clóvis de Souza, Eudes Souza e Nivaldo Fernandes. Obrigada por abrir as portas de suas casas e nos receber com simplicidade e nos mostrar a beleza que existe no cultivo da terra. Um cultivo com responsabilidade e cuidado, cada vez mais raro nas áreas rurais brasileiras. O

conhecimento e convivência com esses agricultores só foi possível através de Orlando Morais, da COAFTI e Aroeira, funcionário da Prefeitura de Irecê. Obrigada pela ajuda e dedicação!

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os nossos amigos, principalmente, aqueles que descobrimos na faculdade e que tornaram a nossa passagem muito mais feliz e prazerosa. Renata Cerqueira, Danilo Pinto, Diego Mascarenhas, João Eça, Magnum maia, Gabriel Geller, Lucas Froes e todos os outros que estiveram ao nosso lado: muito obrigada por nos ter oferecido a sua sincera amizade e por não ter desistido da gente nunca! Tudo que vocês fizeram e disseram para nós fez e continuará fazendo diferença em nossas vidas!

SUMÁRIO

1. Apresentação, 9
2. Justificativa, 11
3. Objetivos, 13
4. Aspectos Teóricos, 14
- 4.1 Comunicação e Jornalismo Ambiental, 14
- 4.2 Mídias e Jornalismo, 15
- 4.3 Televisão: Gêneros, Subgêneros e Formatos, 16
- 4.4 Grande Reportagem x Documentário, 18
- 4.5 Aquecimento Global e Energias Renováveis, 21
- 4.6 Petróleo Verde na Bahia, 22
5. Metodologia, 25
- 5.1 Pré-Produção, 25
- 5.2 Pré-Roteiro, 29
- 5.3 Entrevistas, 31
- 5.4 Externas em Irecê, 32
- 5.5 Externas em Salvador, 35
- 5.6 Decupagem, 38
- 5.7 Roteiro, 38
- 5.8 Edição, 39
- 5.9 Finalização, 39
6. Considerações Finais, 42
7. Referências Bibliográficas, 43
8. Videografia, 45
- Anexos, 46
- 9.1 Cronograma, 46
- 9.2 Orçamento, 48
- 9.3 Roteiro, 49
- 9.4 Ficha Técnica, 64

Resumo

Petróleo Verde na Bahia é uma grande reportagem ambiental, cujo tema é a produção de biodiesel na Microrregião de Irecê. Os principais temas a serem explorados são os conceitos de aquecimento global, biodiesel, agronegócio, agricultura familiar e agroenergia; a legislação brasileira que regula a produção de biodiesel; o Selo Combustível Social; as contradições entre o agronegócio e a agricultura familiar na cadeia produtiva das matérias-primas para o biocombustível; a crise mundial de alimentos e a produção de energias renováveis; o cooperativismo agrícola em Irecê e as implicações ambientais oriundas do aumento da demanda de produção de biodiesel. Estes temas serão tratados a partir da história pessoal de três agricultores familiares da Microrregião de Irecê, que conduzem a narrativa da reportagem.

Palavras-Chave: Jornalismo Ambiental, Grande Reportagem, Biodiesel, Agricultura Familiar, Agronegócio e Agroecologia.

1- Apresentação

Este trabalho propõe a elaboração de uma grande reportagem sobre as implicações da produção de biodiesel na Microrregião de Irecê, tendo em vista os modelos do agronegócio e da agricultura familiar com os quais o biocombustível tem sido produzido no país. A exploração de gêneros agrícolas a partir dos quais se obtém o biodiesel evoca debates sobre as perspectivas da agricultura sustentável e do desenvolvimento de outras fontes renováveis de energia.

O atual desequilíbrio entre homem e natureza é o ponto de partida para a necessidade de se produzir informações que mostrem as conseqüências futuras de ações e não ações em prol da harmonia entre os seres vivos. O crescimento acelerado dos países, nos últimos anos, tem elevado exponencialmente os índices de poluentes produzidos pela humanidade. Problemas como o gerenciamento do lixo urbano, a alteração da biodiversidade nos ecossistemas e o uso irracional de recursos hídricos e energéticos têm atormentado populações em variadas regiões do planeta.

As formas com as quais o ser humano se relaciona com a natureza influenciam a sua própria qualidade de vida, o que ressalta a importância da conscientização ambiental. Uma simples alternativa para evitar os desequilíbrios locais e globais é o consumo consciente. Hábitos de consumo sustentável, como a redução de gastos de energia doméstica ou a menor circulação de automóveis nas ruas, estão diretamente relacionados à preservação dos ecossistemas.

Nossa sensibilidade a essas questões se intensificou nos primeiros anos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Autores como Roberto Villar, Sérgio Vilas Boas, Carlos Walter Porto Gonçalves e Fritjof Capra foram estudados nas disciplinas de Jornalismo Especializados e Comunicação e Atualidade. No entanto, observamos a ausência da continuidade dos estudos sobre a interface entre jornalismo e meio ambiente propostos nestas disciplinas, fruto de uma deficiência na grade curricular do curso de Jornalismo.

A ausência da discussão no meio acadêmico tem se refletido na própria prática jornalística, que trata de maneira superficial as questões de relevância para a sociedade, devido às limitações comuns a maior parte dos veículos de comunicação. As pautas dos principais jornais convergem para a área ambiental apenas quando ocorrem catástrofes, ou escândalos de corrupção envolvendo órgãos ambientais. A cobertura limitada da mídia baiana da mortandade de peixes no litoral baiano nos meses de março e abril de 2007 ilustra a frágil relação dos jornalistas com o meio ambiente.

Diante da importância do tema e da carência de debates aprofundados nos meios de comunicação, decidimos criar um produto jornalístico, com a proposta de discutir um tema ambiental de forma densa e, ao mesmo tempo, simples, podendo ser consumido pelos diversos segmentos sociais.

Concluimos que a melhor forma de alcançar diferentes públicos seria a criação de uma grande reportagem televisiva, uma vez que a televisão ainda é o meio mais popular no país. A escolha pela grande reportagem, dentro das opções de subgêneros jornalísticos na TV, se deve à objetividade e à profundidade com as quais o tema precisa ser tratado. Através do recorte da produção de biodiesel na Bahia, pautamos fenômenos comuns a outras regiões do país em que há produção deste biocombustível: quais as vantagens e desvantagens de sua produção e quais os limites de sua convivência com a agricultura sustentável?

2- Justificativa

A evolução das tecnologias tem alterado as relações entre o homem e o meio ambiente. O crescimento dos países e a adoção de um modelo de desenvolvimento dissociado da sustentabilidade têm gerado desequilíbrios em todas as partes do mundo. Entender o motivo desses acontecimentos e preparar um cenário diferente nos próximos anos requer conhecimentos sobre o que provoca esses fenômenos. A consciência ambiental não pode ser votada, nem decretada pelo poder executivo; deve partir de ações individuais, que em conjunto produzirão uma cultura ambiental.

A comunicação, em geral, e o jornalismo ambiental, em particular, exercem um papel singular na atualização desta cultura. O desafio de aplicar o conceito de “visão sistêmica” ao exercício do jornalismo influenciou a concepção deste trabalho, que está relacionado à proposta de reconstruir a realidade numa perspectiva integrada. (CAPRA; FRITJOF,1996). Trigueiro (2005, p. 14) reforça esta visão quando afirma que o jornalismo deve ter em vista a percepção de “uma rede de fenômenos interligados que interagem e se comunicam o tempo todo”.

Reportagens produzidas sob uma visão sistêmica rejeitam o modo de fazer jornalismo ambiental que preza simplesmente pela denúncia de catástrofes naturais ou pela repetição de temas de grande visibilidade sem a necessária diversificação de focos. A superficialidade da cobertura nos meios de comunicação – tv, rádio, imprensa e internet – proporcionou às autoras deste projeto a reflexão sobre qual seria a maneira adequada de abordar estes assuntos. Dada a escassez de cobertura ambiental com níveis adequados de profundidade e dialética nos discursos, cuja apreensão seja perceptível por diferentes públicos, o suporte escolhido para suprir esta carência foi a televisão, que ainda é o meio de comunicação mais popular do país.

Dentre os subgêneros televisivos possíveis para a realização deste vídeo, optamos pela grande reportagem, que permite associar elementos ficcionais atrativos para o receptor, como o enquadramento, o uso de personagens e os planos característicos das telenovelas, com as normas e valores jornalísticos, a exemplo da neutralidade. (WILMA; DE MORAIS, 2004)

Além disso, o potencial investigativo e o caráter atemporal da grande reportagem permitem maior dedicação à apuração, reduzindo os riscos de eventuais prejuízos de informação para o telespectador. A construção de uma narrativa equilibrada, sem a interferência do autor, como acontece no subgênero documentário, é considerada por nós fator caro aos objetivos do trabalho em questão, que pretende contribuir para a introdução de novos formatos jornalísticos nos meios de comunicação que não apenas informem, mas que esclareçam os telespectadores. Deste modo, o presente tema, a produção de biodiesel na Microrregião de Irecê, pôde ser produzido e editado a

partir de princípios jornalísticos.

3- Objetivos

3.1- Geral

Produzir uma grande reportagem televisiva sobre as relações entre a produção de Biodiesel na Microrregião de Irecê, a inserção da agricultura familiar na produção do biocombustível e o papel da agricultura sustentável diante da expansão do agronegócio.

3.2 - Específicos

- Pautar as questões referentes ao meio ambiente no exercício do jornalismo, mais especificamente do telejornalismo;
- Desenvolver novas formas de narrativas jornalísticas televisivas, de modo a contemplar as necessidades do jornalismo ambiental, complementando suas possibilidades na TV;
- Produzir informações específicas sobre a biotecnologia usada para a produção de biodiesel na Bahia;
- Contextualizar o caso da produção de biodiesel na Microrregião de Irecê na agenda nacional, atingindo tanto o público especializado quanto o público leigo, mostrando as suas vantagens e desvantagens;
- Investigar as relações entre o modelo do agronegócio e a estruturação da mão-de-obra rural na microrregião de Irecê, questionando as possibilidades de convivência entre a agricultura sustentável e o agronegócio.

4 – Aspectos teóricos

4.1- Comunicação e Jornalismo Ambiental

A expansão das ações individuais que garantam a preservação do meio ambiente colabora para a criação de uma cultura sustentável, compartilhada por indivíduos de uma mesma comunidade. A atualização desta cultura é realizada pela comunicação, responsável pelo sistema de signos e referências comuns aos indivíduos, que interagem, principalmente, através da linguagem.

As informações que integram o repertório de significados que circulam na sociedade transitam no campo do jornalismo, cujos agentes produzem notícias a partir de rotinas e valores comuns ao campo em que atuam. Objetividade, imparcialidade, relevância, proximidade do leitor modelo com a notícia são alguns dos princípios norteadores da atividade jornalística.

Por objetividade entende-se a propriedade do texto jornalístico de tratar de forma direta e completa o assunto. A imparcialidade implica a apresentação de todos os aspectos do fato, oferecendo espaço igual para os sujeitos conflitantes em questão. A relevância compreende a capacidade de uma notícia interessar ao público, estando diretamente associada à proximidade do leitor com o assunto.

O jornalismo ambiental, especialização do jornalismo, se apropria naturalmente desses valores, utilizando-os para introduzir, na agenda do jornalista, a preocupação em sinalizar caminhos possíveis de desenvolvimento sustentável¹. Fritjof Capra aponta a necessidade de aplicar ao jornalismo à visão sistêmica², que permitirá a produção de notícias que mostrem “quais seriam as soluções inteligentes e sustentáveis para velhos problemas inerentes a um modelo de desenvolvimento ‘ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto’”. (FRITJOF; CAPRA, 1996)

Valendo-se de várias hipóteses, André Trigueiro (2003, p.79) constata que

[...] ao reconstruir a realidade numa perspectiva invariavelmente reducionista e fragmentada, o jornalismo perde de vista a percepção do universo tal qual os físicos quânticos o descrevem: uma rede de fenômenos interligados que interagem e se comunicam o tempo todo.

1 Segundo a WWF-Brasil (2004), a definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro

2 Enxergar sistemicamente significa perceber essa teia infinita de relações que emprestam sentido aos temas ambientais, e que poderiam oxigenar a notícia com abordagens menos imediatistas e mais abrangentes. Nesse sentido, pouco importa se uma redação tem ou não uma Editoria de Meio Ambiente. Se todas as editorias entenderem a visão sistêmica como uma preciosa ferramenta de trabalho para qualificar a pauta e redimensionar o conceito de notícia, a tão propalada "transversalidade dos assuntos ambientais" será fato no universo jornalístico. (CAPRA, F. A **Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996)

4.2- Mídias e jornalismo

Tendo como perspectiva a produção de uma grande reportagem que trate a questão ambiental de maneira diferente das abordagens superficiais com que são tratadas nos principais veículos comunicacionais – vale ressaltar que tal superficialidade vem se registrando nas práticas jornalísticas de modo geral -, a concepção original desta grande reportagem sempre esteve relacionada à exploração do alcance que o suporte televisivo possui, através da elaboração de uma grande reportagem televisiva que supere os baixos níveis de profundidade das notícias e reportagens habitualmente produzidas. Para entender melhor esta escolha, fazemos abaixo breves considerações sobre os meios de comunicação de massa e suas potencialidades e limitações.

A fusão dos recursos de som e imagem na televisão produz um efeito aglutinador, reduzindo limites espaciais e temporais. O conjunto imagem-som também facilita a apreensão das notícias pelo telespectador. As mensagens transmitidas pelo suporte televisivo abrangem a quase totalidade da população, uma vez que são baseadas na linguagem direta, estabelecendo uma relação de proximidade com o telespectador. Dentre os veículos de informação, a televisão aparece como o principal meio de comunicação, estando presente em 89% dos domicílios brasileiros³.

Outro meio de grande alcance ainda nos dias atuais é o rádio, presente em 88% das casas das famílias brasileiras. Mesmo sobrevivendo às tecnologias trazidas pelos meios de comunicação que o sucederam, tal suporte não se encaixa na proposta do presente trabalho. A ausência de imagens reduz o potencial didático com que o tema deve ser tratado. Uma reportagem especial em rádio, com a mesma duração que a mesma reportagem em TV causaria dispersão da audiência, tornando o produto enfadonho.

No meio impresso, a profundidade e a especificidade com que o meio pode tratar os temas oferece aos leitores um conhecimento mais apurado sobre as matérias lidas. Por outro lado, como Carlos Wilson (1999, p.60), “o brasileiro não está entre os maiores aficionados da leitura de jornais”. O meio impresso, além de não ter a rapidez e a variedade dos outros meios, como a televisão, por exemplo, apresenta uma capacidade de sedução e diversão do público limitada. A idéia do projeto é, justamente, aproveitar a característica de aprofundamento presente neste meio e transferi-la para o suporte televisivo, carente de grandes reportagens que debatam os temas ambientais de forma mais aprofundada.

Por fim, a agilidade, replicabilidade, multimídia e memória do meio online supririam, ao mesmo tempo, as questões de aprofundamento dos temas e o poder de seduzir o público.

³ Fonte: PNAD/IBGE - 2001

Entretanto, tal meio encontra-se, ainda, no país, numa fase experimental, faltando-lhe estabilidade. Para Liana John (1999, p. 79) “a internet não permitiu cristalizar modelos de sucesso, como é o caso do jornalismo escrito, falado ou televisionado”. Além disso, o meio sofre, ainda, com uma falta de controle das fontes que produzem informações e da forma como tais matérias são construídas. Há uma carência de métodos eficientes no processo de fiscalização das matérias veiculadas na internet. Muitas vezes, esse processo acaba gerando um processo de “plágio¹⁴”.

4.3 – Televisão: gêneros, subgêneros e formatos

Antes de justificar a opção pelo subgênero grande reportagem, cabe aqui uma breve explanação sobre os conceitos de gênero, subgênero e formato, próprios do meio televisão e, freqüentemente, utilizados aleatoriamente. Após passear por diferentes correntes teóricas, decidimos recorrer à teorização proposta por Elizabeth Bastos, que em seu artigo “Televisão: entre gêneros, formatos e tons”, aponta três categorias de realidade que constituem os produtos televisivos. A meta-realidade, a supra-realidade e a para-realidade. A primeira delas apresenta como referência a representação fiel do mundo exterior – nesse grupo se enquadram produtos (subgêneros) como telejornais, documentários, reportagens, entrevistas, etc.

A supra-realidade apresenta uma coerência com o universo interno criado de modo ficcional, tendo como exemplos as telenovelas, seriados, mini-séries, etc., cuja base é a verossimilhança e não a veridicção, própria da primeira categoria. A para-realidade tem como princípio a hipervisibilidade, a partir da formação de um universo paralelo, com personagens reais vivendo situações artificialmente criadas. A superexposição substitui a narração, o relato. É o caso dos reality shows e alguns tipos de talk shows.

Com base nessa classificação, Pontes aprofunda os conceitos de gênero, subgênero e formato. A autora considera que:

Por gênero televisivo, compreende-se uma macro-articulação de categorias semânticas capazes de abrigar um conjunto amplo de produtos televisuais que partilham umas poucas categorias comuns. Os gêneros seriam modelizações virtuais, modelos de expectativa, constituindo-se em uma primeira mediação entre produção e recepção; referem-se ao tipo de realidade que um produto televisual constrói, considerando o tipo real que tome como referência o regime de crença

¹⁴ Segundo o dicionário Aurélio, plágio significa "assinar ou apresentar como seu (obra artística ou científica de outrem)". A origem etimológica da palavra ilustra o conceito que ela carrega: vem do grego (através do latim) 'plagios', que significa 'trapaceiro', 'obliquo'

que propõe ao telespectador.

As concepções de jornalismo se relacionam com concepções sobre a própria sociedade (sobre sua economia, suas instituições, as relações de poder, suas formas de pensamento) (Itânia; Gomes, 2007). Sendo assim, os gêneros televisivos nada mais são que formas reconhecidas socialmente, a partir das quais se classifica um produto midiático. Colocar a atenção nos gêneros televisivos, então, implica reconhecer que o receptor orienta sua interação com a reportagem e com o meio de comunicação de acordo com as expectativas geradas pelo próprio reconhecimento do gênero.

Situado em um nível de maior especificidade nesse esquema classificatório, o subgênero é um conjunto de regras que permitem a identificação clara do produto consumido pela recepção. Elementos como estrutura narrativa, modos de enunciação, personagens/narradores da história a ser contada, formas de intervenção e o próprio tema em questão fazem parte das estruturas básicas que definem os subgêneros. Tais características constituem marcas textuais, cujas práticas têm fundo social e cultural. Desse modo, telejornais possuem formas particulares de contratos de leitura com seu público, assim como acontece com os programas de entrevistas, grandes reportagens, documentários, etc.

O que diferencia produtos de um mesmo subgênero são as escolhas discursivas que cada produção faz na realização de seus produtos – escolhas tais que podem reunir características de subgêneros diferentes. A esse conjunto de decisões dá-se o nome de formato. Sobre a utilização do termo formato, Pontes conceitua o que segue:

[...] em verdade, o formato é o processo pelo qual passa um produto televisivo, desde sua concepção até sua realização. Trata-se do esquema que dá conta da estruturação de um programa, constituído pela indicação de uma seqüência de atos que se organizam a partir de determinados conteúdos, com vistas a obter a representação de caráter unitário que caracteriza o programa televisivo: cenários, lugares, linha temática, regras, protagonistas, modalidades de transmissão, finalidades e tom.

Considerando o processo de tonalização de um formato como elemento essencial à fidelização do telespectador, ou seja, elemento que permite o reconhecimento e a identificação o público com o produto televisivo, passamos, então, a explicar as razões do formato realizado neste trabalho: a grande reportagem televisiva.

4.4 - Grande reportagem x documentário

A grande reportagem, diferentemente da notícia² e da reportagem³, é um material jornalístico, que apresenta características diferentes dos subgêneros citados, tais como o tempo de duração – normalmente maior do que a duração das notícias diárias - e o temário. Trata-se da reunião de uma série de informações sobre um acontecimento particular, da atualidade, ou de um fenômeno específico da esfera social.

De acordo com Jaspers, a grande reportagem opera segundo o método da sinédoque, ou seja: a partir de um caso particular, permite ao telespectador conhecer um fenômeno mais geral. É desse modo, através da exploração multifacetada de casos específicos, que a grande reportagem aprofunda assuntos cotidianos tornando-os representativos de acontecimentos mais amplos.

A abordagem de múltiplas vertentes do assunto escolhido pelo repórter é uma característica da grande reportagem, que tem em sua estrutura um fio condutor, representado por alguns indivíduos. A escolha de personagens segue critérios pessoais – elementos que se destacam em suas histórias particulares – e, simultaneamente, está relacionada à capacidade dos entrevistados para representar o grupo social ao qual pertencem. A atuação do repórter em campo obedece a critérios jornalísticos, o que implica dizer que as entrevistas primam pela naturalidade, isto é, pela mínima interferência no ambiente em que ocorre o contato entre repórter e fonte.

O conjunto de elementos que caracterizam a grande reportagem apresenta pontos de interseção com os elementos que constituem o subgênero documentário. A linha de fronteira entre essas expressões audiovisuais é ainda motivo de querelas nos meios acadêmicos, portanto, julgamos necessário fazer algumas considerações acerca desses limites. Para isto, tomaremos por base as conclusões de Cristina Teixeira V. de Melo, Isaltina Mello Gomes e Wilma Morais no estudo que resultou no artigo “O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral”.

De acordo com as autoras, o documentário possui cinco características principais: o caráter autoral, o uso de documentos como registro, a não obrigatoriedade da presença de um narrador, a ampla utilização de montagens ficcionais (sem prejudicar o risco de credibilidade) e uma veiculação praticamente limitada aos canais de TV educativos ou por assinatura. Utilizaremos a seguir alguns desses itens para diferenciar os subgêneros e, finalmente, justificar a opção pela grande reportagem

2 Conforme Lage (1993, p. 16), notícia é um "relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante, e de cada fato, a partir do espaço mais importante ou interessante". No mesmo sentido, a notícia é vista como um fato que já eclodiu no organismo social (JOSÉ; MELO, 1985).

3 Já a reportagem, ainda segundo o autor, seria um formato originado a partir do relato ampliado dos acontecimentos que repercutem na sociedade, podendo produzir alterações sobre esta. O mesmo termo é conceituado por Lage (1993, p. 61) como "um formato jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos".

e a realização de “Petróleo Verde na Bahia”, que mescla alguns dos elementos acima citados.

Devemos pontuar que é na diferenciação entre o caráter autoral dos documentários e a objetividade das grandes reportagens que residem as motivações para a opção feita neste trabalho. Destacamos a definição, extremamente esclarecedora, de João Moreira Salles sobre essa questão:

[...] um documentário ou é autoral ou não é nada. Ninguém pode confundir um filme de Flaherty com um filme de Joris Ivens. Isso acontece porque Flaherty vê a realidade de forma inteiramente diferente de Ivens. A autoria é uma construção singular da realidade. Logo, é uma visão que me interessa porque nunca será a minha. É exatamente isso que espero de qualquer bom documentário: não apenas fatos, mas o acesso a outra maneira de ver. (João Moreira Salles)

Apesar de reconhecermos este subgênero como legítima expressão informativa, a imposição da subjetividade plena⁴ nos levou a optar por um produto não meramente objetivo, mas intersubjetivo. Antes de especificar este conceito, explicamos as razões da rejeição da objetividade enquanto princípio jornalístico. A prática jornalística compreende ações que fazem cair por terra a objetividade: a hierarquização e seleção dos acontecimentos, os trechos selecionados das entrevistas, o lead, a seleção do que é notícia, a determinação das matérias de destaque, entre outros fatores, conceituados em estudos clássicos como aquele que teorizou o “Gatekeeper”, desenvolvido em 1949 por David Manning.

A adoção de um procedimento ético no fazer jornalístico, considerando os fatores acima citados, implica em criar uma narrativa equilibrada, com base na diversificação de fontes, na apresentação de embates discursivos e no uso adequado das técnicas de apuração. Essa rotina não é constante nos veículos em função das limitações de tempo e espaço. Daí a transferência, a nosso ver precipitadas, dessas ações básicas para a imparcialidade jornalística para o subgênero documentário, cuja esfera de produção está afastada das dinâmicas comerciais.

O ideal de jornalismo é apresentado por Eugênio Bucci, no artigo “A defesa de uma nova objetividade jornalística: a intersubjetividade”, de Isabelle Anchieta de Melo, como sendo uma intersubjetividade:

[...] a melhor objetividade no jornalismo é então uma justa, transparente e equilibrada intersubjetividade. Quando o jornalismo busca a objetividade, está buscando estabelecer um campo intersubjetivo crítico entre os agentes que aí atuam: os sujeitos que produzem o fato, os que o observam e o reportam, e os que tomam conhecimento do fato por meio do relato (BUCCI, p. 93-94, 2000).

As discussões travadas, durante os quatro anos do Curso de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da UFBA, sobre a imparcialidade e a objetividade jornalísticas nos levaram a

4 Sabemos que o caráter autoral do documentário não lhe retira a credibilidade. O que acontece nesse tipo de narrativa é a presença de uma diversificação de depoimentos, mas, com uma tese previamente construída, uma espécie de “moral”.

desenvolver um produto que se aproximasse das noções acima explanadas, pois, consideramos que a intersubjetividade legitima a função social do jornalista: criar narrativas consistentes necessárias ao esclarecimento dos sujeitos sociais.

De acordo com Cristina Teixeira V. de Melo, Isaltina Mello Gomes e Wilma Morais, é próprio dos documentários a não obrigatoriedade da presença de um narrador. Para dar seguimento lógico à narrativa, o recurso utilizado é a paráfrase discursiva (repetição de um mesmo tema na linha do discurso). Esse recurso, que funciona como peça-chave na coesão do texto e na sua conseqüente argumentação, constitui um erro nos parâmetros jornalísticos, conforme as autoras, na medida em que implica na repetição.

Apesar de tal teorização, a experiência empreendida no trabalho em questão teve entre suas pautas a não utilização da voz off. Tal decisão, não apenas revela o hibridismo do formato realizado, mas aponta para a real possibilidade de constituir uma narrativa jornalística através, exclusivamente, da voz dos personagens entrevistados. A assinatura das repórteres se mantém viva na estrutura da reportagem, na escolha das fontes, das sonoras e das informações que careciam de representação gráfica, na seleção de imagens, e, logicamente, na presença das entrevistadoras nas locações de filmagens e sonoras.

O uso de fotografias, depoimentos e gráficos como documentos é outro fator representativo do hibridismo do formato de “Petróleo verde na Bahia”. A abordagem da legislação brasileira que regulamenta a produção de biodiesel, o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel, por exemplo, é feita através do depoimento de Wilson Dias, Diretor da Agricultura Familiar da Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI) e conselheiro do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Em outro trecho da reportagem, para a denúncia das ações ilegais de grandes fazendeiros na Microrregião de Irecê utilizamos fotos concedidas por uma de nossas fontes.

No que envolve o temário, tanto as grandes reportagens como os documentários apresentam assuntos que permitem uma abordagem informativa atemporal. Isso fica ainda mais perceptível quando fazemos a comparação entre esses gêneros e o jornalismo diário, cuja essência está no fato novo e inédito. Ao colocarmos, na mesma balança, os dois tipos de produtos, verificamos que as reportagens especiais tendem a estar ligadas a uma certa “temporalidade factual”, que pode ser explicada pela necessidade de se atender ao ciclo de vida dos fatos jornalísticos.

Enquanto, nos documentários, o fato/tema não precisa estar exatamente ligado ao tempo real de ocorrência, nas grandes reportagens, ainda que indiretamente, existe um caráter factual, embora com menos intensidade que as notícias. Há uma necessidade de conexão com os temas da atualidade neste tipo de formato televisivo.

Essa característica é de extrema relevância para o produto realizado, cujo objetivo é

aprofundar as questões inerentes à produção de biodiesel na Microrregião de Irecê, mas sem perder o elo com a produção jornalística factual.

4.5 – Aquecimento Global e Energias Renováveis

Tema de debates entre pesquisadores da comunidade científica, o aquecimento global tem ocupado as manchetes dos jornais em diversos meios de comunicação. O fenômeno se caracteriza pelo aumento da temperatura terrestre, provocado pela emissão de gases poluentes na atmosfera, derivados da queima de combustíveis fósseis, do desmatamento e queimada de florestas.

Os combustíveis fósseis (carvão, petróleo bruto, gás natural, etc.) são fontes de energia não renováveis, isto é, suas reservas são finitas. Tais fontes são formadas, em superfícies distribuídas de forma não homogênea, a partir da decomposição de matéria orgânica, no decorrer de milhares de anos.

A liberação de gases poluentes (ozônio, o gás carbônico, o monóxido de carbono, entre outros), derivados da queima desses combustíveis e do desmatamento e queimada de florestas, retém a radiação infravermelha do Sol na atmosfera, estabilizando a temperatura terrestre por meio do efeito estufa. Embora este fenômeno ocorra de forma mais evidente nas grandes cidades, suas conseqüências já são percebidas em nível mundial.

Dentre os cenários previstos para o futuro, consideramos pertinente citar as perspectivas apontadas pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU⁵, um colegiado internacional de cientistas que estudam o assunto. De acordo com o grupo, a temperatura da Terra deverá aumentar entre 1,4 e 5,8° C nos próximos 100 anos. Entre outras conseqüências, a elevação da temperatura deverá provocar o aumento do nível dos mares – entre 10 e 90 centímetros – , a mudança do ciclo das chuvas e, conseqüentemente, alterações na disponibilidade hídrica em algumas regiões, com efeitos negativos na saúde humana, na medida em que espécies portadoras de doenças podem se expandir.

Buscando reverter essa situação, novos estudos têm sido feitos no sentido de se pesquisar as possibilidades energéticas oferecidas pelas fontes renováveis. Alguns cientistas consideram a energia renovável como “energia limpa”, uma vez que, supostamente, não emitiria gás poluente na atmosfera, a exemplo dos biocombustíveis, como o bioetanol, o biogás e biodiesel.

O bioetanol é produzido a partir da fermentação dos açúcares que se encontram na beterraba, milho, cevada, trigo, cana de açúcar, sorgo e outras culturas energéticas que, misturadas à gasolina, produz um combustível de poder energético. O biogás é uma mistura de gás metano, obtido através

⁵ IPCC - Paris, fevereiro de 2007

de resíduos agrícolas, ou mesmo de excrementos de animais e de seres humanos. Ao contrário do álcool da cana-de-açúcar e de óleos extraídos de outras culturas, sua fabricação não compete com a produção de alimentos.

O biodiesel é um combustível obtido através de fontes renováveis de energia (basicamente álcool e óleo vegetal ou gordura animal e um catalisador), livre de enxofre em sua composição. Os processos de queima deste combustível geram gás carbônico (CO₂), cuja liberação, entretanto, faz parte de um ciclo renovável, ou seja, é retirado da atmosfera através da fotossíntese e fixado temporariamente na biomassa a partir do qual são produzidas as biomassas (cana-de-açúcar, soja, mamona, dendê, milho, etc.), até que estes sejam queimados novamente, formando-se com isto um ciclo. Este ciclo renovável é infinitamente mais curto do que o ciclo dos combustíveis fósseis.

O biodiesel pode ser utilizado em motores diesel, sem a necessidade de qualquer tipo de adaptação⁶, sem perda de desempenho e contribui para o aumento da vida útil do motor.

4.6 – Petróleo Verde na Bahia

No Brasil, foi criado um **Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), com base na Lei nº 11.097**, de 13 de janeiro de 2005, visando a produção e uso sustentáveis do Biodiesel, via geração de emprego e renda. O programa estabelece a adição obrigatória de 2% de biodiesel ao óleo diesel comercializado ao consumidor, em qualquer parte do território nacional, percentual em vigor desde janeiro deste ano. Esse percentual obrigatório será de 3% a partir de 1º julho de 2008, e de 5%, cinco anos após a publicação da referida lei. **O PNPB busca articular a produção do biocombustível com a** geração de emprego e renda, através da valorização dos produtos gerados pela agricultura familiar.

Além de fortalecer o mercado interno, em médio prazo, o biodiesel, ainda segundo o PNPB, pode se tornar importante fonte de divisas para o país, somando o álcool como combustível renovável que o Brasil pode oferecer à comunidade mundial. A dimensão e a diversidade do mercado para o biodiesel podem ampliar o parque industrial em todo o país.

Após o sancionamento da Lei nº 11.097, determinando a adição de biocombustível na matriz energética brasileira, a mamona passou a ocupar o centro das atenções no Brasil. Na Bahia, as principais oleaginosas definidas para a cadeia de produção do biodiesel são o girassol, o amendoim, o algodão, o dendê e a mamona, que tem entre os seus celeiros de produção a Microrregião de Irecê

⁶ Caso o biodiesel esteja de acordo com as normas de qualidade da Agência Nacional do Petróleo - ANP

- essa localidade é responsável por 80% da produção de mamona da Bahia. Por se tratar de uma cultura de sequeiro, cujos períodos de plantio são definidos em função das chuvas, as plantações da oleaginosa têm experimentado uma baixa produtividade na região, caracterizada pelo clima semi-árido.

A Microrregião de Irecê aparece como importante zona de potencial energético no país. Maior produtora de mamona nacional, a região possui uma produtividade anual de 0,69 tonelada por hectare. A produtividade atraiu para região adjacente, o município de Iraquara, na Chapada Diamantina, em fevereiro de 2007, uma unidade do “Brasil Ecodiesel”, grupo de empresas que explora a produção de biodiesel no Brasil, com base no PNPB.

A instalação da fábrica foi feita com o objetivo de produzir 120 milhões de litros de biodiesel por ano. A estimativa é que, na indústria, haja a maior máquina esmagadora de mamona do Brasil, com capacidade para processar 800 toneladas por dia. O empreendimento é fruto de um investimento de R\$ 33 milhões.

Uma forma de adequar a produção da mamona a outros cultivos na região de Irecê é utilizar sistemas de plantio estáveis, associando a plantação da semente à produção consorciada com outros produtos que consigam conviver alternadamente com a mamona, como é o caso do feijão. Ou seja, primeiro planta-se o feijão, para, depois de um período estimado entre 15 a 20 dias, plantar-se a mamona. Os principais tipos de consórcio da produção de mamona realizados na Microrregião de Irecê são praticados com as culturas de feijão e milho. No entanto, o consórcio contínuo da mamona com a produção de milho pode prejudicar os solos, reduzindo os rendimentos dos pequenos e médios produtores de mamona.

A demanda de matérias-primas para o biodiesel aponta para a convergência de investimentos públicos e privados em assistência técnica para o pequeno produtor. Aliado a isto, a distribuição de sementes certificadas pela EMPRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e o fortalecimento do cooperativismo agrícola sinalizam uma nova realidade de produção para as pequenas classes agrícolas de Irecê. De acordo com o texto do PNPB, o governo pretende promover inclusão social dos pequenos agricultores, garantir preços competitivos no mercado internacional e produzir o biodiesel a partir de diferentes fontes oleaginosas e em regiões diversas.

Apesar da representatividade da Microrregião de Irecê na produção de mamona, a redução de crédito rural que sucedeu o período áureo da produção ireceense nas décadas de 70 e 80 e início dos anos 90, quando foram plantados aproximadamente 400 mil hectares, com uma produção de 720 mil toneladas de grãos, ainda impõe restrições aos agricultores. Com a escassez de chuvas e a conseqüente perda das safras, os agricultores que recorrem a empréstimos bancários contraem dívidas com estes bancos. Tais operadores estabelecem um prazo dentro do qual a produção deve

ser colhida para que a dívida seja quitada. A perda das safras durante este período torna o agricultor endividado e, conseqüentemente, impedido de contrair novos incentivos para a sua produção. Essas dificuldades quanto às linhas de crédito para a produção agrícola constitui um dos maiores entraves ao desenvolvimento dos produtores de Irecê.

O PNPB prevê a inclusão social dos pequenos e médios agricultores através do Selo Combustível Social, concedido às empresas produtoras de biodiesel que adquirem matérias-primas da agricultura familiar. Como benefícios, as empresas portadoras do Selo gozam da redução de impostos e de melhores condições de financiamento nos bancos credenciados pelo governo federal. Os percentuais de aquisição de matérias-primas variam de acordo com a região – no Nordeste, é necessário comprar 50% das sementes da agricultura familiar para garantir o Selo. Apesar desse incentivo, as principais oleaginosas utilizadas na Bahia para a produção de biodiesel são a mamona e a soja, produto típico do agronegócio empresarial, desenvolvido, principalmente, no Oeste do Estado.

No Brasil, a expressão “agronegócio” foi utilizada pelos fazendeiros, por intelectuais das universidades e, sobretudo, pela imprensa para designar uma característica da produção no meio rural. Eles denominaram de agronegócio fazendas modernas, que utilizam grandes extensões de terra e se dedicam à monocultura. Ou seja, que se especializam num só produto, tem alta tecnologia, mecanização - às vezes irrigação - pouca mão-de-obra, e por isso, conseguem alta produtividade do trabalho. Na maior parte dos casos, a produção é para a exportação.

Ambientalistas e representantes de Organizações Não Governamentais temem que a produção de biodiesel fortaleça a concentração de terra e renda, sob o argumento de que os incentivos ao agronegócio são mais expressivos do que aqueles destinados à agricultura familiar. Apesar de as pequenas e médias propriedades constituírem maioria na estrutura fundiária de Irecê, o Baixo de Irecê é um exemplo da concentração de terras na região. Dos cerca de 40 mil imóveis, 95% têm área inferior a 100 hectares.

Em Irecê, os grandes proprietários locais iniciaram um processo de “corrida da terra”, no qual os fazendeiros compram propriedades de agricultores familiares por preços baixos com o objetivo de produzir matérias-primas para o biodiesel. Em muitos casos, os recursos utilizados nas plantações agridem os ecossistemas locais.

Os limites entre os desafios da diversificação da matriz energética brasileira através da produção de biodiesel, considerado como uma espécie de “petróleo verde” no cenário mundial, e os anseios dos agricultores familiares de Irecê são as questões tratadas nesta grande reportagem desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia.

5- Metodologia

5.1- Pré-Produção

O primeiro passo que deu início ao presente trabalho foi a definição do campo temático a ser desenvolvido. O interesse por telejornalismo ambiental, despertado desde os primeiros semestres do curso de Jornalismo, sobretudo através das disciplinas de Jornalismo Especializados, Comunicação e Atualidade, Oficina de Telejornalismo e Temas Especiais em Telejornalismo, levou as autoras deste projeto a se debruçarem sobre os temas ambientais de relevância para a sociedade.

Após as leituras de artigos de autores como Fritjof Capra e André Trigueiro, no sexto semestre, surgiu a idéia de se trabalhar a questão das energias renováveis, devido à importância que o tema estava adquirindo, e, principalmente, devido às observações informais sobre sua abordagem nos meios de comunicação. Ainda neste tempo, numa das reuniões com a professora Simone Bortoliero, a orientadora do anteprojeto, chegamos à grande área dos biocombustíveis e, logo em seguida, passamos a nos interessar pela produção de biodiesel na Bahia, assunto de grande importância não só para a população local, mas com dimensões internacionais. Além disso, havia uma carência de aprofundamento do tema, até então sem uma maior contextualização nos cenários nacional e estadual.

Por ser um assunto factual, cujos desdobramentos precisam ser acompanhados através da leitura diária dos noticiários jornalísticos, e, ainda, sem referências diversificadas em bibliotecas, as pesquisas ficaram mais restritas a artigos acadêmicos, a jornais impressos, como o A Tarde, Tribuna da Bahia e Correio da Bahia, matérias veiculadas nos noticiários locais e nacionais, sites e revistas especializadas em pesquisa científica e meio ambiente, programas jornalísticos televisivos, como Repórter Eco da TVE e Cidades e Soluções da Globo News, documentários.

A partir do material pesquisado, três descobertas foram fundamentais para a delimitação do tema. Além da maior parte das notícias que apontavam para os benefícios que os biocombustíveis trariam por serem energia limpa e buscarem introduzir a agricultura familiar no cenário econômico nacional, veio a informação de que o modelo de produção predominante dos biocombustíveis era, ainda, o agronegócio. Este se caracteriza pela monocultura, pelo latifúndio, pela escravização da mão-de-obra, desmatamento e queimada das áreas agrícolas.

A segunda grande descoberta foi que, a partir desse modelo de produção, uma das preocupações mundiais passava a ser a escassez de alimentos, que passaria a competir terras com as sementes destinadas à produção dos biocombustíveis. Por fim, a última informação apontou a importância que a microrregião de Irecê tinha dentro da cadeia de biodiesel, uma vez que se tratava

da maior produtora nacional de mamona, uma das sementes mais requisitadas para a fabricação do biocombustível. Estava definido e delimitado o tema do trabalho: a produção de biodiesel na Bahia e as implicações geradas a partir deste processo, tomando como recorte a fabricação do biocombustível obtido a partir do cultivo de mamona na microrregião de Irecê.

No sétimo semestre, já com a orientação do professor Washington Filho, as pesquisas tornaram-se mais específicas, com o mapeamento dos pesquisadores que dedicam seus estudos às energias renováveis. Entre eles, citamos Ednildo Torres, coordenador do Laboratório de Energia e Gás da Escola Politécnica da UFBA, cuja colaboração com o nosso trabalho se iniciou em setembro de 2007, quando nos foram enviados artigos de sua autoria sobre o biodiesel.

No mesmo período, entramos em contato com o Professor Leonardo Teixeira, do Departamento de Engenharia e Arquitetura, Universidade Salvador (UNIFACS), cuja colaboração também se deu por meio da cessão de artigos sobre o tema. Ainda neste mês, entramos em contato com o Professor Heitor Costa, pesquisador de Energias Renováveis da Universidade Federal de Pernambuco, que nos orientou a buscar as fontes com as quais conversamos posteriormente.

Neste processo de aprofundamento do pré-projeto do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no sexto semestre, demos seguimento às leituras de veículos especializados, como Ecopop, Greenpeace, Ambiente Brasil, Articulação no Semi-Árido Brasileiro, Jornal da Ciência, Jornal do Meio Ambiente, Folha do Meio Ambiente, Instituto de Permacultura da Bahia, dentre outros.

Dentre as fontes oficiais consultadas, destacam-se: Ministério do Meio Ambiente, Ministério de Minas e Energia, Agência Nacional das Águas, IBAMA, IBGE, BNDES, Petrobras e Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Através deste último órgão, participamos, em abril de 2008, das palestras e debates do projeto “Rodadas de Discussão: Biodiesel: Inclusão Social e Desenvolvimento Regional”, que reuniu especialistas, representantes de órgãos oficiais e agricultores de todo o Estado.

A leitura minuciosa do site do Plano Nacional de Produção de Biodiesel e o da Rede Baiana de Biocombustíveis indicou algumas fontes importantes para o desenvolvimento do projeto: a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, a Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia e as cooperativas de agricultores ligados à cadeia de biodiesel em Irecê.

No oitavo semestre, fizemos o seguinte planejamento para a realização do produto: em abril, intensificamos as leituras sobre as ações governamentais no que tange ao desenvolvimento do PNPB, as discussões sobre o assunto nos meios especializados e sua representação nos meios de comunicação e, simultaneamente, iniciamos as entrevistas informais com fontes oficiais. De acordo com o planejamento estabelecido, as gravações das sonoradas em Salvador seriam feitas até o final de abril, nas semanas que seguem à viagem, feita no período entre 16 e 19 de abril. Encerradas as

sonoras e a captação de imagens, iniciamos o processo de decupagem em maio, e, em seguida a edição do material capturado.

O objetivo deste primeiro contato foi mapear as fontes mais representativas da produção baiana de biodiesel, cuja aparição no vídeo seria indispensável, já que a Rede Baiana de Biocombustíveis é composta por diversos atores. Por isto, conversamos previamente com Anna Cláudia Gomes, Engenheira Agrônoma da Seagri, George Dias Mendes, gerente da Usina de Produção de Biodiesel da Petrobras em Candeias, Telma Andrade e Juliano Lopes, coordenadores executivo e técnico da Rede Baiana de Biocombustíveis da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia (SECTI), respectivamente e Myriam Belo, agrônoma da Comissão Pastoral da terra (CPT).

A opção pelo formato da grande reportagem nos levou a buscar uma ampla diversificação de fontes. Portanto, fez-se necessário entrevistar pesquisadores acadêmicos que pudessem conceituar temas-chave do vídeo, como o próprio biodiesel, o aquecimento global e a necessidade de diversificação das matrizes energéticas em escala mundial. Para tanto, foram selecionados os pesquisadores Ednildo Torres, coordenador do Programa de Biosiesel da UFBA, e Osvaldo Soliano, Coordenador do Grupo de Pesquisa em meio Ambiente, Universalização em Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis da Unifacs. Com o primeiro deles já havíamos feito contato por email no semestre anterior, o que, somado às leituras de seus artigos, resultou na sua escolha como fonte. A leitura de reportagem publicada em A Tarde no dia 20 de abril de 2008 (intitulada “Países em alerta com alimentos mais caros”, assinada pela repórter Renata Maia), que tinha entre as fontes entrevistadas o professor Osvaldo, nos levou a entrar em contato com o pesquisador.

Dentre as fontes oficiais envolvidas no Probiodiesel Bahia, julgamos necessária a representação das secretarias de Tecnologia, responsável pela assistência técnica aos produtores rurais e pela pesquisa de sementes de qualidade e oleaginosas com potencial de produção de óleo para o biodiesel, e de Agricultura, responsáveis diretos pela inclusão social dos agricultores familiares. Dos atores possíveis da Petrobras, optamos por ouvir quem está diretamente ligado à produção de biodiesel na Bahia, cuja primeira fábrica de produção de biodiesel está em andamento no município de Candeias. A substituição das primeiras entrevistadas da Seagri por Eujácio Simões e Wilson Dias se deu por questões hierárquicas do órgão: o primeiro é o responsável pelas ações relacionadas ao agronegócio e o segundo, responsável pela agricultura familiar no Estado.

O levantamento de fontes em Irecê foi feito por telefone, durante o bimestre março/abril. Entramos em contato com Lassy Nunes, do setor administrativo da Prefeitura, que nos informou que, no período em que estaríamos na região, o prefeito Joacy Dourado estaria viajando, na Marcha rumo à Brasília, organizada por todas as prefeituras do Brasil. Em ligação feita à Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Irecê, agendamos um contato com Gilmar Almeida, então

secretário. Em virtude de seu afastamento do cargo para disputar as eleições em outubro, adquirimos o contato do secretário que o substituiria, João Carlos de Almeida.

Como as entrevistas não se restringiriam às fontes oficiais, mapeamos as organizações não governamentais da microrregião e as cooperativas agrícolas locais, que nos poriam em contato com os agricultores ireceenses. Conversamos, então, por telefone, com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Barro Alto, que atua na região. Ele nos explicou sua posição contrária à produção de biodiesel, em virtude do receio de que aconteça o mesmo que aconteceu com o feijão e o milho: uma exploração desenfreada que gerou áreas monocultoras desses grãos. Apesar do interesse em cultivar a mamona, Fernandes nos informou que tem investido no cultivo de outras sementes, entre as quais o sorgo e o girassol. Sobre essa questão, Fernandes afirma:

As principais culturas alimentares de Irecê são o feijão, o milho e a mamona, que têm função comercial. Temos uma briga para mudar essa situação porque os trabalhadores estão endividados nos bancos. Quero voltar aos velhos tempos. Cresci vendo meu pai plantar de tudo. Um pouquinho de tudo. Se não dava para produzir alguma coisa, tinha outras opções [sic]. E a plantação não era para comércio, mas para consumo próprio.

Este contato foi essencial para o mapeamento da situação do pequeno produtor rural em Irecê, para onde convergem interesses mundiais nas plantações de mamona e onde a população rural vem sendo sacrificada pela seca e pela falta de incentivos financeiros.

Além dessa associação, entramos em contato com a ONG Garra (Grupo de Apoio e Resistência Rural e Ambiental), cuja principal linha de atuação é a pesquisa de oleaginosas alternativas à mamona e o apoio à produção orgânica nas áreas rurais. Através deste grupo, conhecemos a Feira de produtos Orgânicos, onde encontramos um dos nossos personagens principais, o produtor Eudes de Souza.

Outro importante contato foi feito com Flávio Bastos, coordenador executivo do Centro de Assessoria do Assuruá (CAA), organização que integra a Articulação do Semi-Árido - uma Rede que reúne entidades do terceiro setor para a viabilização do desenvolvimento sustentável nas comunidades do ecossistema da Caatinga e que tem como uma de suas linhas de atuação a convivência harmoniosa com a seca. Para isso, são desenvolvidas ações como a construção de cisternas e a conscientização ambiental e política das comunidades carentes.

Ainda dentre as fontes entrevistadas em Irecê, a escolha pela Cooperativa dos Agricultores Familiares de Irecê (COAFTI), dentre as cooperativas com as quais entramos em contato, ocorreu pelo fato de esta organização ser a principal cooperativa da região, integrada no processo de produção do governo federal através de convênios com as instituições credenciadas pelo PNPB, como: Banco do Brasil, Banco do Nordeste, CAA, Petrobras, Empresa Baiana de Desenvolvimento

Agrícola, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba.

Se, por um lado, a diversidade de entrevistas se fez necessária, por outro, a conciliação de horários entre as sonoras foi problemática em algumas situações. Atrasos, remarcações de entrevistas e mudanças de fontes – como ocorreu na Seagri – prejudicaram a agilidade prevista no planejamento feito anteriormente. Somado a isso, a burocracia enfrentada para solicitar empréstimo de equipamentos da Diretoria de artes Visuais e Multimeios (DIMAS) dificultou melhores condições técnicas de trabalho. O mau estado de conservação do microfone boom cedido pela instituição tornou inviável o seu uso durante a viagem.

No decorrer do trabalho em campo, outros incidentes alteraram o percurso das atividades, entre os quais estão as dificuldades em produzir imagens da Brasil Ecodiesel. A autorização para as filmagens em quaisquer das unidades do grupo empresarial é concedida através do Centro de Notícias (CDN), com sede no Rio de Janeiro. Apesar dos sucessivos contatos por telefone com Fabiana Castro para solicitar imagens institucionais da unidade de Iraquara, não fomos atendidas. Como se trata de uma das maiores empresas de biodiesel do país, fez-se necessário utilizar as fotografias (de baixa resolução) disponíveis no site da instituição.

A estas dificuldades, se opuseram a disposição de outras fontes, entre as quais se destaca Valfredo Vilela, da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola, que nos forneceu documentos com dados geográficos, sociais, ambientais e históricos da Microrregião de Irecê. Também devemos citar a sonora com o deputado estadual Zé Das Virgens (PT), com quem encontramos por acaso, na estrada entre Irecê e Lapão. A presença de um representante do poder legislativo baiano diversificou ainda mais os depoimentos obtidos

5.2- Pré-Roteiro

Inicialmente, ainda na fase de anteprojeto, o vídeo foi pensado como uma reportagem especial, uma vez que o tema tinha caráter jornalístico, necessitando ser tratado de forma objetiva e imparcial. Por abranger diversos assuntos de cunhos político, econômico e social, correndo o risco de ficar desgastante, a reportagem tinha que ter espaço para ser aprofundada, mas de forma leve, enriquecida com recursos que dessem dinamismo à linha narrativa. Para tanto, foi pensada a utilização de elementos inerentes ao documentário, como personagens e enquadramentos. A presença do âncora também foi idealizada no sentido de dar ao vídeo o caráter jornalístico característico da reportagem especial, mas, ao mesmo tempo, incrementá-lo, com interceptações estratégicas que dinamizassem a narração.

Depois das reuniões com a professora Simone, e por já ter os assuntos do trabalho definidos

em estruturas semelhantes a “blocos”, o formato foi repensado e modificado para o gênero “Programa Jornalístico Televisivo”. As propostas eram as mesmas. A única mudança é que os assuntos seriam trabalhados em três grandes blocos, com a utilização de “cabeças”, “escaladas”, “sonoras” e “off’s”. Desta forma, surgiu o pré-roteiro.

No primeiro bloco, estariam informações acerca do biodiesel e os benefícios que esta energia “limpa” poderia gerar para o país, segundo o Programa Nacional de Produção de Biodiesel, estabelecido pelo governo. Num segundo momento, baseado no caráter jornalístico que guiou o trabalho desde o seu início, teriam que ser entrevistadas as fontes que se opunham à produção do biocombustível no estado. Seriam tratadas questões como o agronegócio e a possível disputa de terras dada a partir da produção de biodiesel e de alimentos. O objetivo era escutar diferentes opiniões, oferecendo contrapontos que fortalecessem a objetividade proposta pelo vídeo. Por fim, o último bloco tentaria fornecer algumas alternativas que amenizassem os efeitos negativos obtidos através da produção de biodiesel, sem, no entanto, desmerecer os benefícios gerados por esta energia limpa. Para tanto, a fabricação do biocombustível foi pensada de forma agroecológica, valorizando o ecossistema e as limitações locais. Além disso, foi pensada uma nova energia renovável que pudesse existir em convivência com a produção de biodiesel. Como a região em recorte era Irecê, conhecida pelas intermitentes secas, o último bloco sugeria que o biocombustível fosse produzido em convivência com outra fonte renovável de energia: a solar.

Uma vez finalizado o pré-roteiro, algumas modificações principais foram feitas, o que influenciou na confecção do roteiro final, que deu origem ao presente trabalho. Inicialmente, autoras decidiram “deixar as fontes falar”. Ou seja, ao invés de tentar propor, de antemão, soluções que compatibilizassem a produção da nova energia limpa com os efeitos negativos que o biocombustível poderia trazer, sendo que nem os especialistas têm uma opinião única e comprovadamente eficaz sobre o assunto, as autoras deixariam que as fontes fizessem esse trabalho. Desistindo da idéia de tentar achar soluções prévias que estavam fora do alcance de duas estudantes de jornalismo, como o estudo de qual energia renovável seria mais adequada para ser produzida junto ao biodiesel em Irecê, decidiu-se que as fontes deveriam fazer tal trabalho. A responsabilidade, que o jornalista tende a puxar para si, saía da voz das autoras para serem postas em debate pelas fontes.

Com isso, foi aberta uma nova possibilidade. Se, antes a idéia era trazer uma opinião já formada, proposta no vídeo, agora, com a voz das fontes, postas em contraposição, o telespectador poderia formular sua própria conclusão acerca do assunto. Diante das mudanças que buscavam fortalecer a idéia de participação do telespectador, diminuindo as intervenções das autoras na reportagem, e, influenciadas pelo vídeo “Aurora da Rua”, feito na disciplina Temas Especiais em Telejornalismo, elogiado pelo professor Washington, as autoras optaram por seguir a experiência

anterior, inovadora e bem sucedida, de não utilizar off's. Além dos depoimentos das fontes, inicialmente foram pensados em dois personagens principais, produtores rurais, para “costurarem os fatos” e apresentarem os assuntos. Mais tarde, verificou-se que seriam usados três agricultores para “contar a história”. Essa foi a uma maneira encontrada mais adequada para valorizar o confronto de opiniões, saindo do formato padrão de telejornalismo, dinamizando a narrativa e chamando o telespectador para participar e “opinar” sobre o vídeo.

Por fim, ao se analisar todas as modificações que foram acontecendo, e, sobretudo, depois de alguns debates com o professor Washington em relação aos conceitos de gêneros e formatos jornalísticos, percebeu-se que o gênero Programa Jornalístico Televisivo não se adequava mais às novas características do projeto. Decidiu-se, então, que o formato Grande Reportagem surgia como o que melhor se encaixava às novas propostas.

A grande reportagem iria permitir tratar do assunto, considerando sua amplitude e abrangendo os seus subtemas. Isto tudo seria trabalhado de forma jornalística – objetiva e imparcial, garantindo, ainda, por ser um gênero televisivo, a flexibilidade de poder utilizar, além das inovações a que o trabalho estava disposto a propor, alguns elementos importados do documentário, como os personagens e enquadramentos, responsáveis pelo desenvolvimento e leveza do vídeo.

Tais mudanças foram decisivas para os passos que levariam à constituição do roteiro final. Dentre esse tempo, a etapa seguinte ao pré-roteiro foi o início das entrevistas.

5.3 - Entrevistas

Sobre o CAA: Através desta organização, conhecemos Flávio Bastos, coordenador executivo da instituição, Gutierrez de Souza, coordenador do Projeto 1 Milhão de Cisternas, e Mário Augusto, articulador do território de Irecê.

Através dessas entrevistas, tivemos acesso a informações extra-oficiais sobre as práticas agrícolas da Microrregião de Irecê, materializadas em documentos como artigos e fotografias. Estas foram utilizadas na grande reportagem como denúncia da prática da monocultura e do desmatamento na região, conhecida por possuir pequenas propriedades e estar livre de conflitos por terras. A gama de materiais produzidos pela organização sobre a geografia e a geopolítica locais, utilizados como instrumentos de reivindicações junto ao poder público municipal e federal, nos impressionou, o que reforçou nossa percepção de que, cada vez mais, o nível de organização das instituições não governamentais possui grande valor na apuração jornalística, especialmente, quando se trata de temas ambientais. Na esfera ecológica, a produção de conhecimento ocorre de maneira autônoma, através das pesquisas e práticas sociais.

Antes de se iniciarem as gravações, optou-se por se fazer entrevistas que pudessem familiarizar as autoras com as fontes e fornecer dados que ajudassem na construção do roteiro final.

Para tanto, foram disponibilizados os meses de fevereiro e março. Neste intervalo, foram entrevistados Anna Cláudia Gomes, Engenheira Agrônoma da Seagri, George Dias Mendes, gerente da Usina de Produção de Biodiesel da Petrobras em Candeias, Telma Andrade e Juliano Lopes, coordenadores executivo e técnico da Rede Baiana de Biocombustíveis da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia (SECTI), respectivamente e Myriam Belo, agrônoma da Comissão Pastoral da terra (CPT), citados anteriormente.

Apesar de ter contribuído bastante para o avanço do conteúdo sobre o assunto pesquisado e amadurecido a concepção da estrutura do vídeo, objetivos pretendidos e conquistados pelas autoras, tal estratégia dificultou, em parte, o cronograma pensado inicialmente, havendo, de certa forma, um atraso das atividades programadas. A atitude tomada logo em seguida foi traçar um novo cronograma que atendesse às exigências do vídeo, sem a perda de sua qualidade. Diante dos avanços obtidos na época e do resultado final do trabalho, a conclusão foi de que tais entrevistas foram válidas e essenciais para a concepção do vídeo.

5.4 - Externas em Irecê

Seguindo o trabalho feito durante a pré-produção do vídeo, as externas na microrregião de Irecê aconteceram entre os dias 16 a 19 de abril, nas cidades de Irecê e Lapão. Durante a viagem, existiram algumas surpresas. Em primeiro lugar, algumas fontes foram substituídas, a exemplo do vice-prefeito de Irecê, José Marcelino da Silva, que entrou no lugar do prefeito Joacy Dourado, e o vice-presidente da Cooperativa da Agricultura Familiar do Território de Irecê (COAFTI), Orlando Moraes, que entrou no lugar do presidente da cooperativa, Wilson Carvalho. Além disso, surgiram fontes não previstas no agendamento, que fizeram grande diferença para o vídeo, como o representante do Centro de Assessoria do Assuruá (CAA), Flávio Bastos, o deputado estadual, Zé das Virgens, e, principalmente, os produtores rurais, Clóvis Gaspar, Nivaldo Viana e Eudes de Souza, sem os quais seriam impossível concretizar a idéia de concepção do vídeo.

A surpresa que mais influenciou o vídeo, no entanto, estava na terra. A força da agricultura familiar em Irecê e o amor do homem pelo campo trouxeram duas novas e importantes concepções para o vídeo. A primeira concepção destruiu a idéia formada a partir das pesquisas teóricas, que indicaram o biodiesel como uma política energética sustentada, apenas, pelo agronegócio, o que excluiria os pequenos produtores, sendo prejudicial a eles. As autoras começaram a enxergar a produção do biocombustível sob outro ponto de vista, considerando seus efeitos negativos, mas reconhecendo os inúmeros benefícios que este já vinha trazendo, na prática, para a população local. Isto ficou bem claro na reportagem, quando diversas fontes com idéias confrontantes foram ouvidas e, no final, quando elas opinaram em relação a qual seria a melhor maneira de se atender à demanda

energética diante da produção do biocombustível.

A segunda e decisiva concepção veio ao se constatar o amor do homem do campo pela terra. Pela primeira vez, vivenciando a realidade, as autoras foram, naturalmente, valorizando determinados aspectos previstos para reportagem em detrimentos de outros. O processo de produção agrícola no campo, envolvendo os pequenos produtores e sua rotina de vida, apesar de ter sido pensado como etapa de constituição da matéria, tomou proporção maior do que a esperada, recebendo o respectivo lugar de destaque que merecia.

Em contraposição, o processo mais técnico e explicativo das etapas de produção do biodiesel e suas distribuição e comercialização, comuns a maioria das matérias destinadas a tratar dos biocombustíveis nos telejornais, foi preterida, recendo espaço menor. Esta foi a última e decisiva modificação feita no pré-roteiro. A sua importância está no fato de ter quebrado uma forma “padronizada”, ainda que tacitamente, de se tratar de biocombustíveis nos programas jornalísticos e de ter humanizado um assunto, considerado monótono, sem muito apelo popular. Isto tudo sem prejudicar os ideais jornalísticos de objetividade e imparcialidade pretendidos pelo vídeo. O homem do campo trouxe vida e proximidade para o telespectador, sempre distante dos especialistas convidados a tratar do biodiesel e suas implicações para a população. Essa, sem dúvida nenhuma, foi a principal conquista deste vídeo.

Em Irecê, os quatro dias de viagem foram preenchidos da seguinte forma:

Data /Hora	Atividade	Local
16/04 – 17h	Chegada a Irecê	
16/04 – 18h	Sonora: José Marcelino da Silva, vice-prefeito de Irecê	Prefeitura Municipal de Irecê
17/04 – 10h	Sonora: João Carlos de Almeida, Secretário de Agricultura e Meio Ambiente de Irecê	Secretaria de Agricultura de Irecê
17/04 – 12h	Sonora: Orlando Morais, vice-presidente da Cooperativa da Agricultura Familiar do Território de Irecê (COAFTI)	COAFTI, localizada no município de Lapão
17/04 - 13h	Produção de imagens da COAFTI	COAFTI, localizada no município de Lapão

17/04 – 15h	Produção de imagens da cidade de Irecê	Praças e ruas de Irecê
17/04 – 16h	Sonora: Gutierrez de Souza, coordenador do Programa Um Milhão de Cisternas, da Articulação do Semi-Árido	Centro de Assessoria do Assuruá (CAA), em Irecê
17/04 – 17h	Sonora: Flávio Bastos, representante do CAA	CAA
17/04 – 18h	Sonora: Mário Augusto de Almeida Neto, coordenador-geral do CAA	CAA
18/04 – 09h	Sonora: Clóvis Gaspar, agricultor familiar	Casa de Clóvis, no município de Lapão
18/04 – 11h30	Produção de imagens da casa e da família de Clóvis e das plantações de mamona, milho, feijão, cenoura, cebola, beterraba, etc.	Plantação e casa de Clóvis, no município de Lapão
18/04 – 13h	Sonora: Zé das Virgens, deputado estadual	Restaurante no município de Lapão
18/04 – 14h30	Sonora: Nivaldo Viana, agricultor	Plantação de Nivaldo, no município de Lapão
18/04 – 16h	Produção de imagens de plantações de milho e cenoura	Plantação de Nivaldo, no município de Lapão
18/04 – 17h	Produção de imagens do povoado de Eliseu, município de Lapão	Lapão
18/04 – 17h30	Produção de imagens do centro de Lapão	Lapão

19/04 – 09h	Sonora: Ademilson Nunes dos Santos, representante da ONG Grupo de Apoio e resistência Ambiental e Rural, Garra	Praça da Prefeitura, em Irecê
19/04 – 9h30	Sonora: Eudes de Souza, pequeno produtor	Praça da Prefeitura, em Irecê
19/04 – 10h30	Sonora: moradores da cidade (fala-povo sobre o conceito do biodiesel e as conseqüências de sua produção na cidade)	Praça da Prefeitura, em Irecê
19/04 – 11h30	Produção de imagens da cidade de Irecê	Praça da Prefeitura, em Irecê e caminho até a rodoviária
19/04 – 12h30	Saída de Irecê	

5.5 – Externas em Salvador

Chegando de Irecê, a primeira preocupação foi agendar as externas em Salvador. Muitas entrevistas foram facilitadas, pelo fato de já se ter estabelecido contato com algumas destas fontes, ajudando a estruturar melhor o roteiro e direcionar as gravações. Para otimizar o tempo, a lógica das externas foi marcar para o mesmo dia fontes que estivessem próximas, garantindo dias mais produtivos. Esta tática foi estabelecida para vencer uma das dificuldades enfrentadas durante o trabalho, que foi o transporte dos equipamentos, feito por automóveis particulares conseguidos pelas autoras.

Outro problema que acabou atrasando o andamento das atividades foi a dificuldade de encontrar algumas fontes, mesmo tendo sido agendadas com antecedência. A agrônoma Myriam Belo de importante relevância para o contexto do vídeo, chegou a desmarcar três vezes sua entrevista, sendo que, em uma das ocasiões, as autoras já se encontravam próximas ao local marcado para a gravação. Em outras ocasiões, chegou-se ao ponto de haver a desistência da externa, como no caso de Ailton Florêncio, superintendente de Agricultura Familiar da Seagri, substituído, ocasionalmente, no dia da gravação, pelo diretor de Apoio a Organização da Produção da Agricultura Familiar, Wilson Dias.

Diante de todas as dificuldades, o trabalho cumpriu a proposta de entrevistar as fontes

necessárias e obter o conteúdo suficiente para construir o vídeo com qualidade, sem que faltasse nenhum dado pensado pelas autoras. As externas ficaram divididas conforme o quadro abaixo:

Data /Hora	Atividade	Local
07/05 – 14h	Sonora: Ednildo Torres, coordenador do Programa de Biosiesel da UFBA	Escola Politécnica
07/05 – 15h	Produção de imagens do laboratório, da unidade de produção e testes de biodiesel da Escola Politécnica	Escola Politécnica
07/05 – 17h	Sonora: Osvaldo Soliano, Coordenador do Grupo de Pesquisa em meio Ambiente, Universalização em Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis da Unifacs	Unifacs, na Federação
14/05 – 14h	Sonora: George Dias Mendes, gerente da Usina de Produção de Biodiesel da Petrobras em Candeias	Petrobras
15/05 - 14h	Sonora: Telma Andrade, coordenadora executiva da Rede Baiana de Biocombustíveis da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia (SECTI)	SECTI, no Shopping Maxcenter, Itaigara
15/05 – 15h30	Sonora: Juliano Lopes, coordenador técnico da Rede Baiana de Biocombustíveis da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da	SECTI, no Shopping Maxcenter, Itaigara

	Bahia (SECTI)	
19/05 – 14h	Sonora: Eujácio Simões, superintendente da Secretaria de Política do Agronegócio da Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI)	SEAGRI, no Centro Administrativo
19/05 – 15h	Sonora: Wilson Dias, diretor da Agricultura Familiar da Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI) e conselheiro do Ministério do Desenvolvimento Agrário	SEAGRI, no Centro Administrativo
19/05 – 17h	Produção de imagens na loja da Rede Bompreço (alimentos e produtos de higiene e limpeza que têm como matéria-prima a mamona)	Bompreço do Chame-Chame
19/05 – 18h	Sonoras: clientes do Bompreço (sobre a variação do preço dos alimentos)	Bompreço do Chame-Chame
28/05 – 15h	Sonora com agrônoma da Comissão Pastoral da Terra, Myriam Belo	Comissão Pastoral da Terra, nos Barris
28/05 – 17h	Produção de imagens da comercialização do biodiesel no posto BR e de imagens complementares de carros, trânsito, pessoas e de uma baiana de acarajé	Posto BR da Vasco da Gama

5.6 – Decupagem

A decupagem das imagens começou a ser feita na chegada da viagem a Irecê e foi concluída depois das externas de Salvador. As imagens foram descritas minuciosamente, *take por take*, considerando a riqueza de imagens, capturadas em campo. Algumas partes foram prejudicadas por conta da não familiaridade das fontes com a câmera, resultando, em frases rápidas ou mesmo ininteligíveis. Além disso, como a proposta do trabalho era não se utilizar de off's, as entrevistas foram mais longas do que o normal, para que não faltassem informações contidas nos depoimentos das fontes. Este processo tornou a decupagem, ainda mais, trabalhosa e demorada.

Em contraponto, para recompensar os problemas descritos acima, facilitando e agilizando o trabalho, as três fitas DV-Cam, com duração aproximada de três horas cada uma, foram gravadas em sete mídias de DVD, com a marcação do Time Code no canto superior da tela. Desta forma, as autoras puderam administrar melhor o tempo, decupando em casa. No total, foram gastos cerca de dez dias para a execução desta parte do trabalho.

5.7 – Roteiro

Uma vez decupadas as imagens, foi iniciado o processo de construção do roteiro final. Com as mudanças amadurecidas entre o período que compreendeu o final do pré-roteiro até o início da construção desta etapa, grande parte do trabalho já estava definida. Faltava pôr ordem aos fatos que conduziriam a narrativa da reportagem e, sobretudo, encaixar os depoimentos das fontes de forma que fosse suprida a inexistência de off's. Nenhuma informação relevante poderia ficar de fora e deveria haver ligação entre as falas dos entrevistados. Esta, sem dúvida, foi uma das partes mais difíceis e trabalhosas do vídeo.

A princípio, foram desmembrados os assuntos dos antigos blocos do Programa Televisivo, descrito no pré-roteiro, fazendo-se as modificações no conteúdo, pensadas durante as externas. Uma vez listados os temas, em tópicos, iniciou-se um trabalho de montagem, semelhante a um “quebra-cabeça”. Já se sabia que a reportagem seria dividida em temas que apresentassem a questão dos biocombustíveis, no início, desenvolvessem a produção de biodiesel na Bahia e, mais especificamente, na microrregião de Irecê, no meio, e, por fim, tratassem das perspectivas de conciliação entre a sustentabilidade ecológica e a fabricação desta nova energia emergente.

A conexão entre tais assuntos foi construída a partir da seleção de depoimentos associados a cada tema em questão, de forma que as falas tivessem lógica em sua estrutura. Todos os recursos e efeitos presentes no vídeo seguiram essa lógica: as contraposições, as concordâncias, as explicações e conceitos e os momentos de maior apelo emocional. Todas as sensações às quais o trabalho estava

disposto a causar deveriam ser obtidas através da ordenação exata da fala dos entrevistados. Tratava-se de um trabalho arriscado, mas, ao mesmo tempo, envolvente e empolgante. Houve, sem dúvida, prejuízo, mais uma vez, no tempo planejado para esta etapa. Entretanto, concluída esta parte do trabalho e, sobretudo, diante do resultado final do vídeo, a sensação foi de dever cumprido com sucesso.

5.8 – Edição

Essa foi a fase mais problemática do vídeo. Vários obstáculos atrasaram a conclusão da edição da reportagem. No laboratório de TV da Facom, começamos a editar na ilha não-linear, com o aluno do sexto semestre, Jorge Gauthier, uma vez que o funcionário Marcos Nunes desligou-se da faculdade e que, na dificuldade de conciliação dos agendamentos das ilhas, a funcionária Selma Barbosa encontrava-se com os horários preenchidos pelos alunos da disciplina de Oficina de Telejornalismo.

Depois de ser editado cerca de cinco minutos da reportagem, houve um problema na ilha, paralisando o trabalho. À exceção da nossa fita, as outras duas que se encontravam nos cabeçotes foram danificadas. Diante dos possíveis prejuízos que a máquina poderia causar ao desenvolvimento do projeto, o trabalho passou a ter continuidade na ilha linear, com Selma.

Como a funcionária estava sobrecarregada com os outros alunos, a solução encontrada foi concluir, com o consentimento do professor Washington e sob a autorização do diretor Giovandro Ferreira, a construção da montagem das sonoras e iniciar a captura das imagens selecionadas para o vídeo durante o final de semana (sábado – 14/06, das 9h às 18h, e domingo – 15/06, das 10h às 20h). Concluída a parte inicial, o vídeo continuou sendo editado no programa Final Cut e, posteriormente, finalizado por Selma, nas duas semanas seguintes, no horário da manhã (8h às 12:30h), que ainda não havia sido ocupado pelos alunos da Oficina de Telejornalismo.

Na segunda-feira (16/06), durante o período da manhã, terminou-se o processo de captura das imagens. Além dos contratempos, essa etapa do trabalho foi estendida ainda mais pelo fato de terem sido capturadas mais imagens do que comumente se vê nos telejornais. Isto porque, para que a escolha de não utilizar off's desse certo, teria de existir uma continuidade perfeita entre os depoimentos das fontes. Esse foi um dos desafios mais trabalhosos, presentes no trabalho.

Mesmo tendo sido pensada no roteiro, a estrutura da matéria foi bastante modificada durante o processo de edição. As realidades do texto escrito e do casamento feito entre imagens e sons são muito diferentes. Diversas falas tiveram de ser, novamente, capturadas, para substituírem outras. Em outros casos, as sonoras foram trocadas de posição, para dar uma lógica maior às idéias em questão.

Depois de concluído o “esqueleto”, o vídeo, com duração de 30 minutos, foi apresentado ao professor Washington, que sugeriu algumas modificações. Logo no dia seguinte, as alterações foram feitas e começou a ser realizado o processo de finalização.

5.9 – Finalização

Na terça-feira, 17/06, foi iniciada a finalização da reportagem. O primeiro passo foi começar a cobrir as sonoras com imagens, inserindo, simultaneamente, a trilha sonora. Foi um processo trabalhoso, considerando a quantidade de depoimentos e a riqueza das imagens gravadas em campo. As músicas que foram postas no vídeo tiveram que ser minuciosamente escolhidas, uma vez que ela ocuparia um papel essencial, sendo o único recurso sonoro que poderia ser “criado” pelas autoras dentro da reportagem, para conseguir, em cada momento, os efeitos pretendidos. A não utilização de off’s aumentava, ainda mais, a importância deste recurso na reportagem.

Outros elementos fundamentais que exigiram certo tempo para serem desenvolvidos foram os clipes e as vinhetas. Ambos tiveram, também, grande visibilidade, uma vez que surgiram como recursos que iriam “quebrar” a estrutura narrativa do vídeo, dinamizando e dando leveza ao assunto. Essa primeira etapa da finalização durou cerca de duas semanas, sempre no horário da manhã, sendo que alguns dias tiveram ser interrompidos, devido à conciliação de horário com os alunos do sexto semestre. Na sexta-feira (27/06), às 12:30, foi concluída a primeira etapa da finalização.

Como os trabalhos de conclusão de curso tinham que ser entregues em prazo anterior e considerando todos os contratempos obtidos durante a edição e finalização do vídeo, além das particularidades inerentes a um produto que tem uma reportagem televisiva como tema principal, houve uma compreensão do professor Washington com o prazo de entrega e com as datas de finalização. Como orientador do trabalho e coordenador do laboratório de TV, em reunião com a direção da faculdade, ele avisou sobre as dificuldades enfrentadas durante o desenvolvimento do projeto e alertou sobre o atraso de entrega da reportagem. Na sexta-feira (27/06), então, foi entregue ao orientador a primeira versão da parte escrita, ficando estabelecido que a grande reportagem deveria ser entregue na segunda-feira (30/06), uma vez que ainda restava a parte final da finalização a ser concluída.

A solução encontrada para terminar essa etapa foi utilizar, novamente, o final de semana. Dessa vez, foi disponibilizado o domingo (29/06), das 9h às 22:30h. Mais uma vez, contou-se com a colaboração da funcionária Selma Barbosa e do orientador Washington Filho. Neste dia, além de terminar de cobrir o restante das imagens, foram inseridos os gráficos e construída a base que originou o gerador de caracteres. Os gráficos foram feitos com a colaboração e sob a competência do aluno da faculdade, Bruno Brito.

Na segunda-feira (30/06), o vídeo foi apresentado ao professor Washington, que sugeriu as modificações finais. Além disso, foram inseridos os dois últimos elementos que faltavam na reportagem: a abertura e os créditos. Ainda neste dia, foi entregue a última versão da parte escrita para o orientador do trabalho e para os dois professores que compoariam a banca: Umbelino Brasil e Ednildo Torres. Na terça-feira (01/07), foram feitas as últimas alterações sugeridas pelo professor Washington e foi entregue a versão definitiva do vídeo aos professores Ednildo e Umbelino.

6 – Considerações Finais

Apesar das dificuldades encontradas durante todo o curso de Jornalismo, que ainda apresenta muitas falhas na grade curricular para os alunos, foi apreendida grande parte dos deveres do jornalismo. Além das objetividade, neutralidade e imparcialidade das quais tanto se falam e se questionam, a maior lição foi a de que o jornalista é sinônimo de intermediador. A única função dos seus valores é pensar e organizar a fala dos entrevistados, para que a informação que chegue ao telespectador seja capaz de fazê-lo compreender os fatos, a ponto de permitir com que ele tire sua conclusão do que se diz. Se o jornalista for capaz de fazer o telespectador refletir, então seu dever terá sido cumprido.

Dizer que existem regras e valores estabelecidos no jornalismo não quer dizer que, para alcançar o objetivo de informar o telespectador, exista um modelo fechado, padronizado. Na medida em que surgem novas possibilidades de produção, o jornalista deve estar apto a ousar, a inovar, para surpreender o telespectador, prendendo sua atenção, despertando sua curiosidade; sem deixar de seguir, evidentemente, os valores que norteiam a profissão.

Quando as autoras escolheram o tema “biodiesel na Bahia”, já se sabia que, além de não muito debatido nos meios de comunicação, o assunto não era muito atraente para o grande público. Justamente por isso, surgiu o desafio de conciliar as importâncias ainda não tão disseminadas pela mídia com uma forma de reportagem que chamasse a atenção do telespectador, quebrando o preconceito existente com a maioria dos temas ambientais. A estratégia, então, foi pensar em recursos que “prendessem” o telespectador à reportagem, fazendo-o, em primeiro lugar, ter vontade de assisti-la, para, então, conseguir fazê-lo refletir e tirar conclusões sobre o assunto.

A trilha sonora, os gráficos, os clipes e as vinhetas foram essenciais na busca por tais objetivos. A principal idéia e, sem dúvida nenhuma, o recurso mais importante, foi a não utilização de off’s durante o vídeo. Se tivesse sido desenvolvida uma forma tachada de reportagem, com a narrativa descrita pelas autoras através da inserção de off’s, poderia não ter havido perda no assunto. Em compensação, a matéria poderia cair no lugar-comum da maioria das reportagens que se propõem a tratar dos biocombustíveis: uma estrutura previsível, explicativa, que coloca os principais estudiosos da área para discorrem sobre o assunto. Isto não atenderia à necessidade almejada de “trazer” o telespectador para “dentro do vídeo”.

No momento em que o assunto foi pensado na voz de três homens do campo, com a inserção da realidade, dos sentimentos e das dificuldades familiares enfrentadas por esses “grandes” agricultores, o vídeo passa a ganhar “vida real”, passa a ser interessante; ele passa a quebrar a estrutura esperada pelo telespectador, até então acostumado com um modelo padronizado de reportagem, e passa a surpreendê-lo. É exatamente nesse ponto que ele começa a entender o que o

biodiesel, não através dos seus conceitos científicos, mas através dos depoimentos relatados por homens próximos, que mostram os efeitos do tema dentro de sua realidade, uma realidade próxima e conhecida pelo telespectador. Esse foi o maior objetivo. Essa foi a maior vitória.

7 - Referências Bibliográficas

- TRIGUEIRO, André. *Mundo Sustentável*. São Paulo: ed. Globo, 2005.
- INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL. **Manual de Comunicação e Meio Ambiente**. São Paulo: IEB, 1999.
- LAGE FILHO, Frederico de Almeida. *Modelagem matemática de sistemas de ozonização de contato. Parte I: formulação teórica*. In: ____ (org). **Engenharia Sanitária e Ambiental**. Rio de Janeiro: E.P. Escola Politécnica, 1993. p.15-22.
- MELO, José Marques de (org). **Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo**. São Paulo: FTD, 1985.
- NOVAES, Washington. **A década do impasse: da Rio-92 à Rio+10**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- TORRES, Ednildo; SANTOS, Danilo CHIRINOS, Hugo; ALVES, Carine. Biodiesel: o combustível para o novo século. TORRES, Ednildo; ANDRADE, Telma; LEMOS Hugo; MACHADO, Gustavo. **Viabilidade técnica e econômica para implantação de uma micro usina de extração de óleo de mamona**. BAHIA ANÁLISE & DADOS Salvador, v. 16, n. 1, p. 133-141, jun. 2006.
- BRANDÃO, Leonardo; TEIXEIRA, Leonardo. Caracterização de misturas de óleo diesel e biodiesel obtido a partir de gordura animal. 2006
- TORRES, Ednildo. **Avaliação de um motor do ciclo diesel operando com óleo de dendê para suprimento energético em comunidades rurais**. Publicado no AGRENER 2000 UNICAM Campinas São Paulo
- CAPRA, Fritjof. *Alfabetização Ecológica*. Rio de Janeiro: ed. Cultrix, 2007.
- Brasil.Lei Nº 11.097, De 13 de janeiro de 2005. Dispõe sobre a introdução do biodiesel na matriz energética brasileira. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. 13 de janeiro de 2005. Disponível em: < http://www.biodiesel.gov.br/docs/lei11097_13jan2005.pdf > Acesso em: 27 mai. 2007
- GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In: Centre d'Etudes des Images et des Sons

Médiatiques/ CEISME, Université Sorbonne-Nouvelle, França, 2007.

- GANZ, Pierre. A Reportagem em Rádio e Televisão. 1ª ed., Lisboa, Editorial Inquérito, s.d.
- JESPERS, Jean-Jacques. Jornalismo Televisivo. 1ª Ed., Coimbra, Minerva, 1998, os. 168, 169

8- Videografia

- Peninha – Uma Alternativa à Preservação Ambiental
- Cidade do Chumbo
- Estado de Resistência
- Sonora, Passagem e Gol
- Ba x Vi: uma rivalidade civilizada
- Empreendimentos sustentáveis
- Aves do Cerrado
- Cooperativa do Paraná produz Biodiesel para produzir alimentos
- Reciclagem de óleo de cozinha

9 – Anexos

9.1 - Cronograma

Atividades	2007						2008						
	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Assistir a documentários e reportagens especiais	■	■											
Aprofundar algumas leituras selecionadas		■	■	■									
Escolher as cidades onde serão realizadas as filmagens				■									
Escrever um pré-roteiro para as filmagens					■	■							
Pré-produção para as filmagens em Irecê							■	■					
Entrevistas para a pré-produção em Salvador									■				
Filmagens nas cidades de Irecê e Lapão										■			
Escrever roteiro para a edição da reportagem										■	■		
Decupagem e Montagem da Grande Reportagem										■	■	■	

.2 - Orçamento

Material	Valor Unitário	Valor Total
Transporte para Irecê	R\$ 200	R\$ 400
Alimentação	R\$ 100	R\$ 300
Estadia	R\$ 150	R\$ 300
Gasolina em Salvador	R\$ 30	R\$ 120
Diária do Cinegrafista	R\$ 50	R\$ 500
Pilhas AAA (pacote com quatro unidades)	R\$ 15	R\$ 15
DVD virgem com capa	R\$ 2	R\$ 100
Capa DVD (arte e impressão)	R\$ 4	R\$ 200
Impressão e Encadernamento	R\$ 8	R\$ 32
Total		R\$ 1967,00

9.3 - Roteiro

<p>SONORA “FALA POVO” EM IRECÊ</p> <p>ISRAEL – FITA 3 05:58’47” – 05’58’30</p> <p>BANCÁRIA – FITA 3 06:00’09” – 06:00’29”</p> <p>EDVALDO – FITA 3 05:57’43” – 05:57’51”</p> <p>ESTUDANTE – FITA 3 06:02’04” – 06:02’10”</p> <p>ABERTURA PETRÓLEO VERDE NA BAHIA</p> <p>IMAGEM MANCHETES DE JORNAIS</p> <p>SONORA: EDILDO TORRES – FITA 2 06:50’10” – 06:50’19”</p> <p>07:01’51” – 07:02’17”</p> <p>SONORA: OSVALDO SOLIANO – FITA 2 07:59’59” – 08:00’24”</p>	<p>BIODIESEL É UM COMBUSTÍVEL, FEITO A PARTIR DE ALGUMAS PLANTAS, DE ALGUNS PRODUTOS AGRÍCOLAS.</p> <p>É UM PRODUTO QUE É MUITO PREJUDICIAL À SAÚDE.</p> <p>EU ACHO QUE VAI SER MUITO IMPORTANTE PRA REGIÃO.</p> <p>VAI GERAR MAIS EMPREGOS PARA A POPULAÇÃO. VAI MELHORAR BASTANTE PRO PESSOAL.</p> <p>O BIODIESEL É UM COMBUSTÍVEL RENOVÁVEL PROVENIENTE DE QUALQUER OLEAGINOSA.</p> <p>VOCÊ TEM UM GRÃO QUE PRODUZ O ÓLEO, QUE PRODUZ O BIODIESEL, QUE GERA ENERGIA, QUE VAI GERAR O CO2. ESSE CO2 VOLTA A SER CAPTURADO PELA PLANTA.</p> <p>A UTILIZAÇÃO DE BIODIESEL ATENDE A UMA DEMANDA QUE, NÃO</p>
---	---

	<p>É NEM DO BRASIL, MAS DOS PAÍSES EUROPEUS, QUE TÊM OBRIGAÇÃO DE REDUZIR SUAS EMISSÕES E TÊM A META DE SUBSTITUIR UMA PARTE DO COMBUSTÍVEL FÓSSIL POR COMBUSTÍVEL RENOVÁVEL.</p>
<p>VINHETA: A LEGISLAÇÃO</p>	
<p>SONORA: WILSON DIAS – FITA 3</p> <p>01:42'08" – 01:42'40"</p>	<p>A LEI BRASILEIRA DE BIOCOMBUSTÍVEIS É DE 2005. ATÉ 2007, 31 DE DEZEMBRO, TODA A PRODUÇÃO NACIONAL DE BIODIESEL PODERIA SER CONSUMIDA A NÍVEL DE TESTE E UTILIZAÇÃO EM EMPREENDIMENTOS GOVERNAMENTAIS (FROTAS AGRÍCOLAS, ETC). A PARTIR DE 1º DE JANEIRO DE 2008, PASSOU A SER OBRIGATÓRIO QUE TODO DIESEL NACIONAL TENHA ADICIONADO 2% DE BIODIESEL.</p>
<p>SONORA: WILSON DIAS – FITA 3</p> <p>01:45'44" – 01:46'10"</p>	<p>A PETROBRÁS PAGA HOJE POR 1 LITRO DE BIODIESEL R\$ 2,45 E ELA VENDE NA BOMBA A R\$ 1,70, R\$ 1,80.</p>
<p>SONORA: OSVALDO SOLIANO – FITA 2</p> <p>08:02'11" – 08:02'37"</p>	<p>AS EMPRESAS ESTÃO BUSCANDO O SELO SOCIAL. O GOVERNO DÁ ALGUNS INCENTIVOS AO PRODUTOR DE BIODIESEL, QUE PRODUZ O BIODIESEL A PARTIR DE UM SISTEMA DE AGRICULTURA FAMILIAR.</p>

<p>GRÁFICO: “SELO COMBUSTÍVEL SOCIAL: PERCENTUAIS DE INCLUSÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR POR REGIÃO”</p> <p>SONORA: TELMA ANDRADE – FITA 2</p> <p>08:39’34” – 08:40’09”</p> <p>SONORA: JULIANO LOPES 09:10’05” – 09:10’20”</p> <p>GRÁFICO SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DAS OLEAGINOSAS NO PAÍS</p> <p>CLÍPE DE IMAGENS DE IRECÊ</p> <p>SONORA: MARCELINO – FITA 1</p> <p>00:07’17” – 00:07’40”</p> <p>00:17’20” – 00:17’37”</p> <p>IMAGENS DE CLÓVIS DE SOUZA, NIVALDO FERNANDES E EUDES DE SOUSA COM EFEITO “CLICK FOTOGRÁFICO”</p> <p>SONORA: NIVALDO FERNADES – FITA 2</p>	<p>OS GOVERNOS FEDERAL E ESTADUAL ESTABELECEAM AS OLEAGINOSAS DEFINIDAS PARA A PRODUÇÃO DE BIODIESEL.</p> <p>AS PRINCIPAIS OLEAGINOSAS DO PNPB SÃO: GIRASSOL, AMENDOIM, ALGODÃO E DENDÊ. NA BAHIA, A GENTE TEM O PREDOMÍNIO DA SOJA E DA MAMONA.</p> <p>HOJE IRECÊ É A PRINCIPAL PRODUTORA DE MAMONA DA BAHIA E DO BRASIL. NO ESTADO DA BAHIA, REPRESENTA 80% DA PRODUÇÃO.</p> <p>NÓS TEMOS UMA POPULAÇÃO DE 62 MIL HABITANTES NA CIDADE DE IRECÊ. QUANDO SE FALA EM REGIÃO DE IRECÊ, QUE SÃO 19 MUNICÍPIOS, NÓS TEMOS EM TORNO DE 30 MIL AGRICULTORES FAMILIARES NA REGIÃO DE IRECÊ.</p>
--	---

<p>04:36'36" – 04:37'01"</p>	<p>MEU NOME É NIVALDO, TENHO 53 ANOS, VIVO AQUI NA REGIÃO MESMO, TRABALHO COM AGRICULTURA, NA LAVOURA DE MILHO, FEIJÃO, MAMONA E TAMBÉM COM HORTALIÇAS, COMO A BETERRABA, A CEBOLA, O TOMATE E A CENOURA.</p>
<p>SONORA: EUDES DE SOUSA – FITA 2</p> <p>05:31'05" – 05:31'34"</p>	<p>MEU NOME É EUDES. MORO NA COMUNIDADE DE LAGOA FUNDA, MUNICÍPIO DE BARRO ALTO. SOU PRODUTOR RURAL ORGÂNICO HÁ MAIS DE 13 ANOS. A GENTE TRABALHA TAMBÉM COM A DIVERSIDADE, MAMONA, MILHO, FEIJÃO, GIRASSOL, HORTALIÇA.</p>
<p>SONORA: CLÓVIS DE SOUZA – FITA 1</p> <p>03:12'57" – 03:13'38"</p>	<p>EU SOU CLÓVIS GASPAR DE SOUZA, TENHO 45 ANOS QUE TRABALHO NA LAVORA, NA AGRICULTURA FAMILIAR. NASCI AQUI NO POVOADO DE ELISEU, HOJE É O MUNICÍPIO DE LAPÃO E CONTINUO PLANTANDO A MAMONA, QUE É UM PRODUTO QUE FABRICA O BIODIESEL.</p>
<p>03:13'57" – 03:14'00"</p>	<p>SOU ASSOCIADO À COAFTI.</p>
<p>VINHETA: COOPERATIVISMO AGRÍCOLA</p>	
<p>CLIFE DE IMAGENS – COAFTI</p>	
<p>SONORA: ORLANDO SILVA – FITA 1</p> <p>01:12'30" – 01:12'59"</p>	<p>NÓS TEMOS HOJE UM CONVÊNIO COM A PETROBRAS COM O COMPROMISSO DE EM CADA MUNICÍPIO ONDE A COOPERATIVA ATUA COM 2 TÉCNICOS AGRÍCOLAS PARA DAR ASSISTÊNCIA COMPLETA.</p> <p>O PRODUTOR NÃO VAI MAIS VENDER</p>

<p>01:11'48" – 01:11'59"</p>	<p>SOMENTE A BAGA DA MAMONA, ELE VAI VENDER O ÓLEO DA MAMONA PRA COOPERATIVA.</p>
<p>SONORA: EUDES DE SOUZA – FITA 2</p>	
<p>05:33'08" – 05:33'20"</p>	<p>SE A GENTE NÃO IMPOR COOPERATIVA, SOZINHO VOCÊ ESTÁ SEMPRE MACHUCADO POR ATRAVESSADORES</p>
<p>05:32'19" – 05:32'32"</p>	<p>OS ATRAVESSADORES SÃO AQUELES QUE NÃO PLANTAM E GANHAM MAIS DO QUE QUEM PLANTA. COMPRAM NA MÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES, LEVAM PRO DEPÓSITO E VENDEM PARA GRANDES EMPRESAS ONDE GANHAM O DOBRO OU O TRIPLO.</p>
<p>VINHETA: A CADEIA DE PRODUÇÃO</p>	
<p>SONORA E IMAGENS: EDNILIDO TORRES – FITA 2</p>	
<p>07:10'49" – 07:10'55"</p>	<p>AQUI É A SEMENTE DA MAMONA. ESMAGA E AÍ VAI SAIR O ÓLEO DE MAMONA.</p>
<p>07:09'28" – 07:09'55"</p>	<p>E COMO CO-PRODUTO, A TORTA DA MAMONA.</p>
<p>07:15'28" – 07:15'30"</p>	<p>O ÓLEO DA MAMONA VEM PARA A PLANTA DE BIODIESEL.</p>
<p>07:26'22" – 07:26'25"</p>	<p>DAÍ É TRATADO</p>
<p>06:51'25" – 06:51'56"</p>	<p>É TRANSFERIDO PARA CÁ E DECANTA, SEPARA. EM CIMA FICA O BIODIESEL, EMBAIXO A GLICERINA. A GLICERINA TEM MUITAS APLICAÇÕES: TRANSFORMAR EM SABÃO, SABONETE, DETERGENTE.</p>

07:31'58" – 07:32'11"	A GLICERINA É TRANSFERIDA PARA AQUELE TANQUE MARROM
07:30'51" – 07:31'05"	E O BIODIESEL VAI SER TRATADO E TRANSPORTADO PARA AQUELE TANQUE BRANCO
07:28'06" – 07:28'10"	PRONTO. AGORA, TEMOS O BIODIESEL.
07:25'36" – 07:25'46"	NOSSA UNIDADE AQUI TEM CAPACIDADE SEMI-INDUSTRIAL DE 5 MILHÕES DE LITROS POR ANO.
06:59'16" – 06:59'46"	HOJE TEMOS TRABALHADO BASICAMENTE COM O ÓLEO DE FRITURA, OU SEJA, OGR (ÓLEO DE GORDURA RESIDUAL).
CLIQUE DOS AGRICULTORES EM IRECÊ	
SONORA: CLÓVIS DE SOUSA – FITA 1	
02:45'17" – 02:45'25"	ESSA MAMONA É UTILIZADA PARA O BIODIESEL.
03:28'4" – 03:29'00"	ALI, ONDE EU PLANTO A MAMONA, SE EU QUERER PLANTAR O FEIJÃO, EU POSSO PLANTAR, E O MILHO TAMBÉM. (CLÓVIS)
SONORA: TELMA ANDRADE – FITA 2	
08:50'20" – 08:50'30"	O AGRICULTOR FAMILIAR, TRADICIONALMENTE, NÃO PLANTA UMA ÚNICA CULTURA. ELE USA UM POLICULTIVO, INCLUSIVE COM ANIMAIS DE CRIAÇÃO. (TELMA)

VINHETA: AGRICULTURA FAMILIAR	
SONORA: EUDES DE SOUZA – FITA 2	
05:50'40" – 05:51'04"	A ROÇA É UMA ÁREA FAMILIAR AONDE A MULHER E OS FILHOS TRABALHAM COM MAIS ESTABILIDADE. É SUSTENTAÇÃO PRA QUE A GENTE TENHA MAIS VIDA.
05:53'03" – 05:53'15"	O QUE EU PRODUZO NA MINHA ÁREA
05:54'00" – 05:54'12"	PRIMEIRAMENTE EU CONSUMO, A SOBRA É QUE EU VENDO EU NUNCA VOU PEGAR OS MELHORES PRA VENDER. OS MELHORES FICAM EM CASA, APRENDI COM MEU PAI.
SONORA CLÓVIS DE SOUZA – FITA 1	
03:14'10" – 03:14'17"	AQUI MORA MEUS PAIS, MORA IRMÃO, MORA TODO MUNDO, NÓS TODOS SOMOS DA AGRICULTURA FAMILIAR.
03:42'49" – 03:43'06"	SEMPRE SUSTENTEI MEUS FILHOS. ERA 3, UM FALECEU. TODOS ESTÃO FORMADOS HOJE, COM A LAVOURA NA AGRICULTURA.
SONORA: TELMA ANDRADE – FITA 2	
08:50'31" – 08:50'43"	A GENTE TEM QUE FORTALECER A PROPRIEDADE COMO UM TODO DA AGRICULTURA FAMILIAR, TANTO NA PESQUISA E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA, COMO NO APOIO A ESSES AGRICULTORES.
SONORA: WILSON DIAS – FITA 3	
01:47'51" – 01:48'17"	PORQUE, SE NÃO TIVER CUIDADO, ACONTECE COMO O PROÁLCOOL NO PASSADO. OS GRANDES USINEIROS SE BENEFICIAM, OS AGRICULTORES DE PEQUENO PORTE VIRAM TRABALHADORES ASSALARIADOS, ESCRAVIZADOS DA CANA, PERDE

	<p>SUA GLEBA DE TERRA, OS USINEIROS TOMAM CONTA DE TUDO, CONCENTRAÇÃO DE RENDA, TERRA.</p>
<p>VINHETA: O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO</p> <p>SONORA: FLÁVIO BASTOS – FITA 2</p> <p>01:57'35" – 01:57'54"</p>	<p>O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA BRASILEIRA É BASEADO EM 2 MODELOS. AGRONEGÓCIO E AGRICULTURA FAMILIAR. AO MESMO TEMPO EM QUE O GOVERNO INCENTIVA A AGRICULTURA FAMILIAR, DÁ INCENTIVOS MUITO MAIORES AO AGRONEGÓCIO.</p>
<p>SONORA: EUJÁCIO SIMÕES – FITA 3</p> <p>00:39'54" – 00:40'25"</p> <p>00:40'40" – 00:41'00"</p> <p>00:52'10" – 00:52'20"</p>	<p>O AGRONEGÓCIO É UMA ATIVIDADE EMPRESARIAL USANDO A AGRICULTURA.</p> <p>O EMPRESÁRIO UTILIZA RECURSOS, MÃO-DE-OBRA, TECNOLOGIA. ELE BANCA. ELE É O CAPITALISTA.</p> <p>90% DAS MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS, HOJE, NAS USINAS DE BIODIESEL SEDIADAS NA BAHIA VÊM DO AGRONEGÓCIO EMPRESARIAL.</p>
<p>SONORA: FLÁVIO BASTOS – FITA 2</p> <p>02:00'00" – 02:25'00"</p>	<p>NO TERRITÓRIO DE IRECÊ, ESSE MODELO SE EXPRESSA. A PRESENÇA DA BRASIL ECODIESEL, UMA DAS MAIORES USINAS DE BIODIESEL NO PAÍS, TAMBÉM É O MODELO IMPLANTADO DO AGRONEGÓCIO E É MODELO DEPENDENTE DA AGRICULTURA FAMILIAR À INDÚSTRIA.</p> <p>TEMOS UMA REGIÃO DIFERENTE</p>

<p>SONORA: MARCELINO DA SILVA – FITA 1</p> <p>00:23’45” – 00:23’34”</p>	<p>DOS OUTROS ESTADOS, ONDE HÁ PREDOMÍNIO DE GRANDES PROPRIEDADES, CONFLITOS. EM IRECÊ EXISTE UMA REFORMA AGRÁRIA NATURAL. (MARCELINO)</p>
<p>SONORA: FLÁVIO BASTOS – FITA 1</p> <p>02:01’74” – 02:02’00”</p>	<p>AQUI, EM IRECÊ, TEM VÁRIOS FAZENDEIROS JÁ COMPRANDO TERRA DOS AGRICULTORES FAMILIARES.</p>
<p>02:02’48” – 02:03’30”</p>	<p>ELES ESTÃO COMPRANDO A TERRA, DESMATANDO, QUEIMANDO, PARA A PRODUÇÃO DE MAMONA PARA O BIODIESEL.</p>
<p>CLIFE DE IMAGENS: DESMATAMENTO E QUEIMADAS NO MORRO DO CHAPÉU</p>	<p>OS AGROCOMBUSTÍVEIS NÃO SÃO ENERGIA LIMPA. SÃO GRANDES PLANTIOS DE SOJA, DE CANA, MONOCULTURAS QUE SÃO ALIMENTADAS POR INSUMOS QUÍMICOS QUE SÃO DIRETAMENTE LIGADOS À INDÚSTRIA PETROQUÍMICA.</p>
<p>SONORA: MYRIAN BELO – FITA 3</p> <p>02:00’05” – 02:00’50”</p>	
<p>SONORA: EUDES DE SOUZA – FITA 3</p> <p>“</p>	<p>A MONOCULTURA É QUE TÁ ATRAPALHANDO NOSSA VIDA. ALÉM DISSO, A NOSSA TERRA, PORQUE QUANDO FAZ O MONOCULTIVO, NOSSA TERRA FICA FRACA, SÓ EM UMA ESPÉCIE, E A GENTE QUER DIVERSIDADE.</p>
<p>SONORA: FLÁVIO BASTOS – FITA 1</p>	<p>O BIODIESEL VAI CONTRIBUIR PARA A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL, PARA</p>

<p>01:59'22" – 01:59'58"</p>	<p>O DESMATAMENTO DA CAATINGA, AMAZÔNIA, CERRADO. VAI AUMENTAR A CONCENTRAÇÃO DE TERRAS E VAI CONTINUAR O PROCESSO DA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA DA AGRICULTURA BRASILEIRA, QUE É MODERNIZAÇÃO TÉCNICA, MAS OS RECURSOS NATURAIS FICAM NA MÃO DE UMA PEQUENA ELITE DOS LATIFUNDIÁRIOS.</p>
<p>VINHETA: BODIESEL: INVESTIMENTOS</p> <p>SONORA: TELMA ANDRADE – FITA 2</p>	<p>EM 2007, FOI INVESTIDO, APROXIMADAMENTE, UM MILHÃO DE REAIS, NESSA RELAÇÃO COM OS BIOCOMBUSTÍVEIS.</p>
<p>09:02'24" – 09:02'30"</p> <p>SONORA: EUJÁCIO SIMÕES – FITA3</p>	<p>NÓS TEMOS INVESTIDOS EM BIOCOMBUSTÍVEIS UM BILHÃO E DUZENTOS MILHÕES DE REAIS ATRAVÉS DO BAHIABIO.</p>
<p>09:40'22" – 09:40'46"</p>	<p>EU ACHO QUE EXISTEM MAIS RECURSOS INTERNACIONAIS NESSA CADEIA DO BODIESEL E DO PRÓPRIO ÁLCOOL DE FORA DO QUE DE DENTRO DO BRASIL.</p>
<p>00:48'11" – 00:48'21"</p>	
<p>SONORA: TELMA ANDRADE – FITA 2</p> <p>08:59'26" – 08:59'50"</p>	<p>A CHINA ASSINOU UM CONVÊNIO COM O GOVERNO DA BAHIA PARA A PRODUÇÃO DO ETANOL NO EXTREMO SUL. AS INDÚSTRIAS SERÃO SITUADAS AQUI. AO INVÉS DA GENTE EXPORTAR MATÉRIA-PRIMA, A GENTE VAI PRODUIR O BEM AQUI.</p>

<p>VINHETA: ENERGIA E ALIMENTOS</p> <p>SONORA: FLÁVIO BASTOS – FITA 1</p> <p>02:08'00" – 02:08'14"</p> <p>02:08'40" – 02:09'11"</p>	<p>COM O AVANÇO DOS BIOCOMBUSTÍVEIS, PRINCIPALMENTE O ETANOL, NÃO TENHO DÚVIDAS DE QUE VAI HAVER CONCORRÊNCIA COM OS ALIMENTOS.</p> <p>A SOJA, POR EXEMPLO, ESTÁ SENDO USADA NA PRODUÇÃO DE BIODIESEL, MAS TAMBÉM É USADA PARA ABASTECER O MERCADO DE ANIMAIS. ELA CONCORRE, EM TERMOS DE TERRAS, COM OUTROS ALIMENTOS QUE FAZEM PARTE DA NOSSA DIETA.</p>
<p>SONORA: TELMA ANDRADE – FITA 2</p> <p>09:00'25" – 09:00'45"</p>	<p>A QUESTÃO DO ALIMENTO ESTÁ MUITO LIGADA, TAMBÉM, AO AUMENTO DE CONSUMO. PAÍSES EMERGENTES COMO O BRASIL, CHINA E ÍNDIA ESTÃO CONSUMINDO MUITO MAIS ALIMENTOS.</p>
<p>CLIQUE: MERCADO</p> <p>SONORA: FALA POVO MERCADO – FITA 3</p> <p>ELIETE OLIVEIRA</p> <p>02:01'42" – 02:01'47"</p> <p>OSCAR SOUZA</p>	<p>ÓLEO DE SOJA TÁ MAIS CARO, O ARROZ, O FEIJÃO, TEVE UMA GRANDE ALTA NOS PREÇOS.</p> <p>HÁ 3 MESES ATRÁS, EU GASTAVA R\$800 NA COMPRA DE MÊS. E ESTE MÊS EU GASTEI MIL E POUCOS REAIS.</p> <p>AUMENTOU MAIS O FEIJÃO, O</p>

<p>01:59'08" – 01:59'19"</p> <p>MIRIAN PINTO</p>	<p>TRIVIAL, QUE TODO MUNDO SE ALIMENTA, O POBRE, A CLASSE MÉDIA.</p>
<p>01:54'35" – 01:55'06"</p> <p>ELIETE OLIVEIRA</p>	<p>O FEIJÃO A GENTE PAGAVA R\$ 2,50. HOJE TÁ PAGANDO R\$ 4, R\$ 3,80.</p>
<p>02:02'18" – 02:02'26"</p> <p>SONORA: OSVALDO SOLIANO – FITA 2</p>	<p>A CRISE DE ALIMENTOS TEM UMA CERTA COMPONENTE DO ETANOL DOS EUA, PORQUE AO EXPANDIR A CULTURA DO MILHO, QUE É ALIMENTO BÁSICO TANTO NOS EUA, MÉXICO E NAFTA, DEIXA DE PRODUZIR MILHO PARA ALIMENTO PARA PRODUZIR ETANOL DO MILHO. ISSO CAUSOU O ENCARECIMENTO DO MILHO COM IMPACTO NO MERCADO MEXICANO.</p>
<p>08:07'44" – 08:08'32"</p>	<p>NO CASO DO BRASIL NÃO TEM NENHUMA PRESSÃO PARA O ENCARECIMENTO DESSAS COMMODITIES DE ALIMENTO POR CAUSA DA PRODUÇÃO DE ETANOL OU DE BIODIESEL. NO CASO DA BAHIA, SE HOUVESSE GRANDE PRODUÇÃO DE MAMONA, PODERIA ENCARECER O PREÇO DO FEIJÃO.</p>
<p>08:09'07" – 08:09'29"</p>	
<p>GRÁFICO: ÁREAS AGRICULTÁVEIS NA BAHIA</p>	
<p>SONORA: JOÃO CARLOS – FITA 1</p>	<p>ÀS ÁREAS DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL, EXIGIDAS POR LEI, SÃO DE 20% DA ÁREA.</p>
<p>01:02'10" – 01:02'18"</p>	<p>HÁ, NA REGIÃO DE IRECÊ, 200 MIL HECTARES DE TERRAS AGRICULTÁVEIS. DESSES 200 MIL, A PRODUÇÃO FOI DE 74 MIL HECTARES DE ÁREA PLANTADA.</p>
<p>01:01'32" – 01:01'47"</p> <p>GRÁFICO: ÁREAS AGRICULTÁVEIS EM IRECÊ</p>	

<p>SONORA: ZÉ DAS VIRGENS – FITA 1</p> <p>04:01'42" – 04:02'17"</p>	<p>CADA 2 HA DE MAMONA GERA 1 EMPREGO DIRETO. SE A GENTE CONSEGUISSSE PLANTAR NA BAHIA 500 MIL HA DE MAMONA (...) GERARIA 250 MIL EMPREGOS.</p>
<p>VINHETA: BIODIESEL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL</p> <p>SONORA: MYRIAN BELO</p> <p>02:12'40" – 02:14'40"</p>	<p>AGROECOLOGIA É UMA FORMA DE VIVER. TUDO TEM QUE NASCER DA PRÓPRIA COMUNIDADE, DA COMUNIDADE RURAL E URBANA. OUTRA COISA É A QUESTÃO DA SOBERANIA ALIMENTAR. ELA TEM QUE SER MUITO FORTE.</p>
<p>SONORA: FLÁVIO BASTOS – FITA 1</p> <p>02:05'29" – 02:05'55"</p>	<p>PENSAR NUMA OUTRA PERSPECTIVA DE PRODUÇÃO AQUI PRO TERRITÓRIO, QUE CASE A PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA, QUE DIZ RESPEITO À ORGANIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES NA COOPERATIVA, E TER UM EMPREENDIMENTO GRANDE NA USINA ESMAGADORA DE ÓLEO PARA TENTAR FECHAR A CADEIA PRODUTIVA, VERTICALIZANDO E AGREGANDO VALOR.</p>
<p>SONORA: TELMA ANDRADE – FITA 2</p> <p>09:07'39" – 09:07'57"</p> <p>SONORA: MYRIAN BELO</p>	<p>UMA COISA MUITO IMPORTANTE NA UTILIZAÇÃO DE ENERGIA É A GENTE DIVERSIFICAR MUITO.</p>

<p>02:25'40" – 02:25'49"</p> <p>TELA PRETA COM FRASE: "FONTE DE VIDA"</p> <p>SONORA: NIVALDO FERNANDES – FITA 2</p> <p>05:01'47" – 05:02'02"</p> <p>TELA PRETA COM FRASE: "O PODER DA AGRICULTURA"</p> <p>SONORA: CLÓVIS DE SOUZA – FITA 1</p> <p>03:44'50" – 03:45'40"</p> <p>TELA PRETA COM FRASE: "A NATUREZA PEDE SOCORRO"</p> <p>SONORA: EUDES DE SOUZA</p>	<p>EXISTEM VÁRIAS OUTRAS FORMAS DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL. NO LUGAR QUE HÁ SOL, PODE PRODUZIR ENERGIA SOLAR. ONDE TEM VENTO, PRODUZ-SE A ENERGIA EÓLICA. PODE PRODUZIR, TAMBÉM, MINI-USINAS. TEM A QUESTÃO, TAMBÉM, DAS CALDEIRAS DE CACHAÇA, QUE O PRODUTOR RURAL PODE PRODUZIR ÁLCOOL A PARTIR DA CALDEIRA. A QUESTÃO É, COMO FALEI, NÃO É UM MODELO ÚNICO, ELE VAI DE ENCONTRO ÀS NECESSIDADES QUE TEM EM CADA REGIÃO.</p> <p>O HOMEM DO CAMPO TEM QUE SE FIRMAR CADA VEZ MAIS NO CAMPO, DETERMINADO, PLANTANDO SEU FEIJÃO, MILHO, MAMONA, PORQUE O CAMPO TEM TUDO PRA GENTE SOBREVIVER.</p> <p>NÓS AGRICULTORES FAZEMOS PARTE DE UMA CLASSE. SOMOS POTENCIAL DA MESMA IMPORTÂNCIA DO MÉDICO. POR QUÊ? QUEM É QUE PRODUZ O ALIMENTO PRO SUPERMERCADO PRA VOCÊS LÁ DA CIDADE GRANDE SOMOS NÓS ENTÃO NÓS QUEREMOS RESPEITO.</p>
--	--

<p>05:42'26" – 05:43'15"</p> <p>IMAGEM CACTO</p> <p>CRÉDITOS FINAIS</p> <p>SONORA: FLORISBELA DE SOUZA</p> <p>03:53'23" – 03:54'03"</p>	<p>EU QUERO PEDIR AOS MEUS AMIGOS AGRICULTORES QUE DEIXEM A NOSSA MÃE TERRA SOBREVIVER PORQUE EU TENHO NETO, TENHO FILHO, E NOSSA TERRA TÁ MORRENDO. O BRASIL PRECISA URGENTE MESMO DE UMA POLÍTICA DE PRODUÇÃO ORGÂNICA DE RESPEITO À NATUREZA. EU EMOCIONO DEMAIS, DESCULPE.</p> <p>EL, MÃE, ELA TA PEDINDO PRA SENHORA CONTAR AS DIFICULDADES QUE PASSOU NA VIDA “. A MÃE: “SE EU FOR CONTAR, VOCÊS VÃO EMBORA SEM COMER. SE EU FOR CONTAR O QUE JÁ SOFRI PRA CRIAR FILHO, E EU SOFRI MUITO. MAS, QUANDO EU FUI PRA TRAÍRA QUE EU VIM PRA CÁ COM 40 ANOS, GRAÇAS A DEUS, DE LÁ PRA CÁ, NUNCA ME FALTOU O PÃO DE CADA DIA.</p>
---	--

9.4 – Ficha Técnica

“PETRÓLEO VERDE NA BAHIA” (25 min, digital, colorido, 2008)

Produção: Juliana Lopes e Luana Assiz

Roteiro: Juliana Lopes e Luana Assiz

Direção: Juliana Lopes e Luana Assiz

Imagens: Paulo Silva

Edição: Jorge Gauthier e Selma Barbosa

Finalização: Selma Barbosa

Arte Gráfica: Bruno Brito e Sela Barbosa

Equipamentos:

1 microfone lapela

1 câmera Panasonic DV PRO-CAM - AG-DVC-200 - com tripé

1 microfone direcional sem fio Sony

3 fitas, formato DV CAM